

Uma História Lamentável

Fiódor Dostoiévski

1

Esta lamentável história passou-se justamente na época em que o renascimento de nossa amada pátria e a luta de seus valorosos filhos em demanda de novas esperanças e de novos destinos começava com irresistível força e comovedora e ingênua impetuosidade. Por uma clara e fria noite de inverno — por volta de meia-noite — três cavalheiros altamente respeitáveis, reunidos numa sala confortável, talvez até luxuosa, numa bela casa de dois andares da Petersburg Prospekti¹ (1. "Prospekt": *Perspectiva (Avenida)*. — *N. da T.*), empenhavam-se em grave e edificante palestra sobre interessantíssimo tema. Todos os três tinham já alcançado o posto de general. Sentados em amplas e macias poltronas, em torno de uma mesinha, enquanto conversavam já sorvendo saborosos goles de champanha. A garrafa permanecia sobre a mesa, dentro de um balde de prata com gelo.

Acontece que o dono da casa, um conselheiro privado de nome Stepán Nikíforovitch Nikíforovitch, velho solteirão já entrado nos sessenta e cinco anos, celebrava sua mudança para a residência recém-comprada e, por coincidência, também o seu aniversário, que nunca antes comemorara. A festa, entretanto, nada tinha de pomposa; como já vimos, havia apenas dois convidados, ambos antigos colegas e antigos subordinados do anfitrião — Semión Ivanovitch Chipuliénko e Ivan Ilítch Pralínskii, ambos conselheiros de Estado efetivos. Haviam chegado para o chá as nove horas; no momento, tomavam champanha e sabiam que ao soar onze e meia teriam que levantar-se e despedir-se. O homem que os hospedava fora, durante toda a sua vida, amante da pontualidade.

Digamos, de passagem, duas palavras sobre ele.

Stepan Nikíforovitch iniciara sua carreira como funcionário modesto e sem proteção, desempenhara lamente suas funções pelo espaço de quarenta e cinco anos, sabia muito bem ao que devia aspirar, não tinha pretensões a "colher estrelas", embora já ostentasse duas no peito, e não gostava de manifestar sua opinião pessoal a respeito do que quer que fosse. Era um homem honrado, isto é, nunca tivera oportunidade de fazer nada de especialmente desonesto; continuava solteiro por ser egoísta; tinha ótima cabeça, mas, como dissemos, detestava exhibir a sua inteligência; desagradavam-lhe, de maneira particular, o desleixo e os excessos de expansividade, que a seu ver considerava uma espécie de desleixo moral; e, com a velhice, entregara-se por completo a um doce e indolente conforto e a uma sistemática solidão.

Embora às vezes visitasse pessoas de posição, desde moço jamais suportara receber visitas; e, de uns tempos aquela parte, quando não se entretinha num jogo de paciência, contentava-se com a companhia do relógio da sala de jantar e passava todos os serões cochilando numa poltrona, a ouvir-lhe placidamente o tique-taque sobre a lareira. Muito bem conservado, de barba feita e aparência correta, parecia muito mais moco do que realmente era; prometia viver muito ainda e observava a risca as regras da mais alta educação.

O cargo que ocupava era dos mais cômodos — limitava-se a presidir reuniões e a assinar papeis.

Em uma palavra — toda gente o considerava uma ótima pessoa. Só tinha uma paixão, ou para ser mais exato, um profundo desejo — ter a sua casa própria, uma casa construída para ser a residência de um fidalgo e não um simples emprego de capital. Seu desejo foi, por fim, satisfeito. Encontrou uma casa na Petersburg Prospekt, um pouco afastada do centro, é verdade, mas com jardim e uma bonita fachada. O novo proprietário concluiu que era até melhor morar longe do centro. Não gostava mesmo de receber visitas e, para ir à casa de alguém ou a Chancelaria, dispunha de uma linda carruagem cor de chocolate, de um cocheiro. Mikhéi, e dois cavaleiros pequenos, mas fortes.

Tudo isso pudera ser honestamente adquirido com o fruto de quarenta anos de economias, de sorte que era um motivo a mais para seu coração rejubilar-se.

Aí está a razão pela qual, ao instalar-se em sua nova moradia, Stepán Nikíforovitch chegara ao extremo de convidar amigos para celebrar o seu aniversário, data que, até então, fizera questão de manter ignorada mesmo dos seus mais íntimos. Nutria, aliás, determinado plano em relação a um dos visitantes. Ocupava ele apenas o andar superior e resolvera alugar o outro cujas acomodações eram idênticas as do primeiro. Pois bem, Stepan Nikíforovitch esperava convencer Semión Ivanovitch Chipuliénko a alugar-lhe o pavimento inferior da casa e, com esse objetivo, por duas vezes, aquela noite, tocara no assunto, sem, contudo, conseguir o que queria. Chipuliénko, também, há muitos anos se esforçava tenazmente por fazer carreira. Tinha cabelos e suíças negros e havia sempre em sua tez um tom bilioso. Era casado, de temperamento casmurro e caseiro; governava a família com mão de ferro e exercia suas funções públicas com a maior autoconfiança. Sabia, do mesmo modo, até onde poderia chegar e, o que é melhor, até onde nunca chegaria. Ocupava, entretanto, um bom cargo e agarrava-se a ele. Embora visse com maus olhos as recentes reformas, não se abalava em demasia com elas; era, como já dissemos, um homem muito confiante em si, e não ouvia sem um risinho zombeteiro as dissertações de Ivan Ilítch Pralínskii sobre as novas ideias.

Os três amigos tinham bebido mais que de costume, de forma que, tanto Chipuliénko como o dono da casa, se deixaram arrastar para uma pequena discussão com Ivan Ilítch Pralínskii sobre tais reformas. Mas é chegado o momento de dizer algo sobre Sua Excelência o Sr. Pralínskii, tanto mais que ele é o principal protagonista desta história.

O Conselheiro de Estado Efetivo Ivan Ilítch Pralínskii havia apenas quatro meses que ostentava o seu pomposo título de Excelência, ou, diga-se em outras palavras, era um general muito novo.

Também em anos era ainda bem novo, pois teria no máximo quarenta e três — não mais de quarenta e três — embora seu físico aparentasse, e ele fizesse por aparentar, muito menos do que isso. Era um homem bonito, alto, elegante e discreto no vestir-se, e sabia, de maneira admirável, trazer ao peito uma condecoração de certa importância. Aprendera, desde pequeno, a adotar ares distintos e, sendo ainda solteiro, sonhava casar-se, um dia, com uma noiva rica e — por que não o dizer? — da alta roda.

Sonhava, por certo, com muitas outras coisas, pois nada tinha de tolo. Ocasões havia em que se tornava falante e até mesmo gostava de adotar atitudes parlamentares. Descendia de boa família.

Filho de um general do Exército, fora criado com muito luxo. Desde pequenino, vestira veludos e linhos, sendo, além disso, educado num colégio aristocrático e, posto não tivesse saído com grande conhecimento, parecia ter tido bom êxito em seu cargo, já que alcançara tão cedo o título de Excelência. Seus chefes consideravam-no um homem dotado de capacidade e até depositavam nele alguma esperança. Mas Stepán Nikíforovitch, sob cujas ordens trabalhara até obter o referido título, não achava nele nada de extraordinário e não nutria a seu respeito nenhuma expectativa especial.

O que lhe agradava em Pralínskii era que fosse de boa família, possuísse sólidas propriedades, ou seja, um vasto quarteirão de prédios de aluguel a cargo de um procurador, mantivesse relações com gente importante e, o que era melhor, tivesse um porte majestoso. Stepan Nikíforovitch censurava-o intimamente por excesso de imaginação e volubilidade. O próprio Ivan Ilítch julgava-se, às vezes, dotado de excessivo amor-próprio e de uma exagerada suscetibilidade. E — coisa estranha — havia ocasiões em que o assaltavam mórbidas dores de consciência e até mesmo um vago sentimento de culpa. Confessava, então, a si mesmo, com secreto pesar no coração, que não voava tão alto quanto imaginava.

Nesses momentos, chegava a tornar-se melancólico, ainda que em verdade isso só ocorresse quando lhe apertavam as crises de hemorroidas. Nessas horas, dizia que sua vida era *une existence manqué*², (2. "Uma existência fracassada." *Em francês no original.* — N. da T.), chegava mesmo a pôr em dúvida suas aptidões parlamentares, considerando-se, a si próprio, um tagarela, um *phraseur*³, (3. "Fazedor de frases." *Em francês no original.* — N. da T.), e ainda que tudo isso fosse nele muito honroso, não o impedia, meia hora depois, de erguer a cabeça e de assegurar a si próprio, com a major obstinação e seriedade, que haveria de sobressair-se e de ser, não somente um alto dignitário, como um estadista de primeira plana, ao qual a Rússia jamais poderia

esquecer. Já se via mesmo fundido em bronze ou esculpido em mármore, no centro da "Praça Pralínskii".

De onde se deduz que o homem visava a altos ideais, não obstante ocultasse, no íntimo de seu coração, não sem um certo temor, tais sonhos e ilusões. Em uma palavra: era um bom sujeito, talvez até um poeta, no fundo da alma. Naqueles últimos anos, essas mórbidas crises de desespero passaram a assediá-lo com maior frequência. Tornara-se estranhamente irritável, receoso, e inclinado a tomar qualquer contradição por uma ofensa pessoal. Eis senão quando, as novas reformas liberais da Rússia vieram infundir ao nosso amigo grandes esperanças. Para isso contribuiu também todo o Estado Maior. Reanimou-se e ergueu a cabeça. Começou, de súbito, a falar e a deitar eloquência. De forma rápida e imprevista, adotou como suas as novas ideias, professando-as e debatendo-as com veemência. Procurava ocasiões de falar, rodava pela cidade e não tardou a ganhar fama de liberal ardente, o que muito o lisonjeava. Mas aquela noite, mal esvaziara a quarta taca de champanha, desandou a deblaterar com uma verve toda especial. Veio-lhe o desejo de impor suas ideias ao dono da casa. Não o via há muito tempo, votara-lhe sempre grande estima, respeitando-o e ouvindo-lhe os conselhos.

Mas, agora, de um momento para o outro, passara a considerá-lo um indivíduo de mentalidade atrasada e lançou-se contra ele com excepcional ardor. Stepan Nikíforovitch quase não o contestava, limitando-se a ouvi-lo com um sorriso zombeteiro, embora interessado no assunto. Ivan Ilítch, ao contrário, se acalorava cada vez mais e no fragor da discussão levava a taca aos lábios com mais frequência do que convinha. O anfitrião apressava-se sempre em tomar-lhe a taça para tornar a enchê-la, o que, por alguma razão, parecia a Ivan Ilítch uma descortesia, tanto mais que Siemión Ivanovitch Chipuliénko, por quem nutria especial desprezo e a quem, além disso, temia por seu cinismo e malícia, guardava ao seu lado um silêncio suspeitoso, ao mesmo tempo que sorria com mais frequência do que seria mister. "Creio que ele está me tomando por um rapazola" — pensou de relance.

Não — prosseguiu em seguida com maior ênfase ainda. Não! Está mais que na hora! Já nos retardamos demais, e, a meu ver, humanidade é a primeira condição; humanidade no modo de tratar os subalternos, pois

não se deve esquecer que são homens como nós! A humanidade será a salvação universal e porá tudo nos trilhos...

— Ih, ih, ih, ih!

A risada viera do lado de Siemión Ivanovitch Chipuliénko.

— Bern. Mas, amigo, por que vem para cima de nós com essas observações? — Indagou, finalmente, o dono da casa com amável sorriso. — Devo confessar-lhe, Ivan Ilítch, que até agora não consegui entender bem o que o senhor quer dizer. Não faz outra coisa a não ser falar em humanidade. Refere-se ao sentimento de amor pelos nossos semelhantes, não é?

— Sim, se quiser. Eu...

— Permita-me dizer-lhe que até onde me é dado entender, não se trata apenas disso! O amor pelos nossos semelhantes foi sempre uma coisa justa. Mas é que as reformas não se restringem apenas a isso. Temos a questão do camponês, da servidão, as novas leis, a economia, os contratos do governo, a moral e.... e.... uma série infinita de problemas que podem, cada um deles, ou todos juntos, provocar, de repente, graves sublevações, digamos assim. Isso é o que ruís outros tememos, pois contra a humanidade nada temos a dizer...

— Sim, mas a coisa é bem mais profunda — opinou secamente Semión Ivanovitch.

— Compreendo-o de sobra, e permita-me observar-lhe, Siemión Ivanovitch, que não o creio de modo algum inteirado da profundidade de concepção deste assunto — redarguiu em tom áspero e irônico Ivan Ilítch. — Aliás, permita-me dizer-lhe, Stepan Nikíforovitch, que o senhor também não me entendeu, nem de leve...

— Não entendi mesmo.

— Por ora limitar-me-ei a sustentar a ideia, que aliás prego por toda a parte, de que a humanidade, é só a humanidade para com os inferiores, do alto funcionário ao escriturário, do escriturário ao porteiro, do porteiro ao criado, do criado ao camponês... só a humanidade, repito, poderá servir, por assim dizer, de pedra angular as reformas que se avizinham, e, principalmente, à renovação geral.

Por quê? Explico-lhe já. Formulemos um silogismo: eu sou humano, logo sou amado. Amam-me, logo têm confiança em mim. Se têm confiança em mim, é porque acreditam em mim; se acreditam em mim,

logo me amam.... Quero dizer com isso que, se acreditam em mim, acreditarão também na reforma, e esse é o ponto capital da questão: todos se abraçarão moralmente e a coisa se fara de um modo amistoso e fundamental. De que está se rindo, Siemión Ivanovitch Chipuliénko? Será que não é capaz de compreender?

Ivan Ilítch vibrava.

—Nós não suportaremos — disse, de súbito, o dono da casa, após leve reflexão.

Como! Que quer o senhor dizer com isso... como, não suportaremos? — indagou Ivan Ilítch, perplexo com a imprevista e lacônica conclusão de Stépan Nikíforov.

—E isso mesmo. Não suportaremos.

Stépan Nikíforovitch não queria entrar em maiores explicações. Isso estava bem claro.

— Acaso está se referindo ao novo vinho em novos odres? — quis saber Ivan Ilítch com ironia. — Pois por mim eu respondo.

Nesse instante, o relógio bateu onze e meia.

— A prosa está muito boa, mas é hora de irmos chegando — disse Siemión Ivanovitch, fazendo menção de levantar-se.

Ivan Ilítch, porem, adiantou-se e, erguendo-se, apanhou sobre a lareira o seu gorro de zibelina.

Parecia ressentido.

— Que é que resolveu, Siemión Ivanovitch? Vai pensar? — indagou Stepan Nikíforovitch, enquanto acompanhava os visitantes até a porta.

— Sobre o apartamento? Vou pensar. Vou pensar.

— Pois bem. Assim que se decidir, comunique-me.

— Sempre falando em negócios, hein? — observou amavelmente Ivan Ilítch.

Sua voz readquirira um tom conciliador, enquanto brincava com o gorro de pele. Parecia-lhe que estava sendo esquecido.

Stepan Nikíforovitch tornou a arquear as sobrancelhas e continuou calado, dando a entender, assim, que não pretendia reter os seus convidados. Siemión Ivanovitch, com uma mesura, apressou-se em sair.

"Ah... depois disto que é que se pode esperar... Já que desconhecem as mais mezinhas regras de boas maneiras" — pensou consigo mesmo Ivan Ilítch, estendendo mais que depressa a mão a Stepan Nikíforov.

No vestíbulo, Ivan Ilítch enfiou-se em sua leve e cada pelica, esforçando-se, por alguma secreta razão, para não reparar no surrado capote de pele de racoon⁴ (4. *Animal semelhante ao mão-pelada, cuja pele, de pouco preço, é usada para agasalhos. Em inglês no original. — N. da T.*) de Siemión Ivanovitch.

— O velho parece ter-se ofendido com alguma coisa comentou Ivan Ilítch, dirigindo-se a Semión Ivanovitch, enquanto desciam juntos a escada.

— Não creio! Por quê? — Volveu tranquila e friamente o outro.

"Que falta de perspicácia!" — pensou Ivan Ilítch de seu acompanhante.

Saíram para a rua. O trenó de Siemión Ivanovitch aproximou-se, tirado por um feio cavalo tordilho.

— Diabo! onde terá se metido Trifón com o meu trenó? — exclamou Ivan Ilítch impaciente, rido vendo o veículo.

O trenó no estava nem de um lado nem do outro. O porteiro de Stepan Nikíforovitch tampouco sabia informar coisa alguma. Perguntou, então, a Varlám, o cocheiro de Siemión Ivanovitch. Este explicou que o seu colega estivera todo o tempo ali embaixo, a espera, mas que já se fora, como podiam verificar.

— Que brincadeira de mau gosto! — lamentou Siemión Ivanovitch Chipuliénko. — Quer que o leve até a sua casa?

— Que corja! — vociferou furioso Ivan Ilítch. — O canalha pedira-me licença para ir à Petersburg Prospekt assistir ao casamento de uma parenta... que o diabo a leve!... E eu o proibi severamente de afastar-se daqui. Aposto o que quiserem como foi ao tal casamento!

— Sim — confirmou Varlám. Foi ao casório, mas tinha a intenção de voltar imediatamente e estar aqui na hora devida.

— Aí esta! Eu já esperava por isso! Mas há de me pagar!

— Mande aplicar-lhe umas boas chibatadas, como merece, e verá que se emenda e se torna mais obediente — sugeriu Siemión Ivanovitch, que já começara a cobrir-se com a manta.

— Não se preocupe, Siemión Ivanovitch!

Terei muito gosto em levá-lo para casa. Vamos? — Merci⁵ (5. *"Obrigado." Em francês no original — N. da T.*) Boa viagem!

Siemión Ivanovitch afastou-se em seu trenó, mas Ivan Ilítch seguiu a pé, exaltado, encaminhando-se pelos portões de madeira, dominado por aguda irritação.

"Espera que tu me pagas, velhaco! Irei a pé de propósito, só para assustar-te! Quando voltares, ficarás sabendo que teu amo foi-se embora a pé! Já se viu major canalha?"

Ivan Ilítch nunca maldissera ninguém assim, mas estava furioso e, além disso, sentia-se meio tonto.

Não tinha o hábito de beber, de forma que as cinco ou seis tacas de champanha que tomara fizeram efeito. A noite, porém, estava maravilhosa. Geava, não soprava o menor vento e o céu, muito limpo, resplandecia de estrelas. A lua cheia banhava a terra com a suavidade de sua luz prateada. Fazia uma tão linda noite, que Ivan Ilítch, depois de cinquenta passos, esqueceu quase tudo o que o aborrecera. Súbito, sentiu-se invadido por agradável bem-estar. É sabido que as pessoas, quando se embriagam, mudam muito facilmente de impressões. O nosso amigo começou, de repente, a achar bonitos até os modestos chalés de madeira da rua deserta.

"Foi mesmo ótimo que eu viesse a pé" pensou. "Será uma lição para Trifón e um prazer para mim.

Na verdade, devíamos andar mais a pé.... Apanharei um trenó na Bolshoi Prospekt. Que noite magnífica! Como são pequenas estas casas. Com certeza são habitadas por gente da classe média, funcionários, comerciantes, sei lá... Aquele Stepan Nikíforovitch! São todos uns atrasadões de marca, esses velhos carrancas! Carrancas! *Oui, c'est le mot!*⁶ (6. "Sim, é o termo" – *Em francês no original - N. da T*). No mais, é um velhote esperto; tem o que se chama *bon sens*⁷ ("Bom senso" *em francês no original – N. da T*), uma fria e prática compreensão das coisas. Também, já estão velhos, velhos. Há uma falta de... de que mesmo? Há uma falta de alguma coisa... 'Não suportaremos.' Que quis ele dizer com isso? E pensou bem quando o disse. Não me compreendeu nem de leve. E como não compreender uma coisa daquelas? Era mais difícil não compreender do que compreender. O principal é que eu estou convencido de coração. Humanidade... o amor aos nossos semelhantes. Reintegrar um homem em si mesmo...

despertar-lhe o sentimento da própria dignidade e depois... quando o terreno estiver preparado, lançar mãos à obra com o novo material.

Não pode haver nada mais claro! Sim, sim! Permita-me o senhor, Excelência: formulemos um silogismo. Imaginemos um funcionário, um pobre funcionário humilde e pusilânime. Bem, vamos a ver. Quem és tu? Resposta: Um funcionário. Muito bem, um funcionário; adiante: Que espécie de funcionário? Resposta: Desta ou daquela classe. Pertences ao serviço público? Sim. Queres ser feliz? Quero. Que te falta para seres feliz? Isto e aquilo. Por que? Porque.... Basta isso, para que o homem, com poucas palavras, me compreenda, se torne pessoa minha; isto é, depois de cativo, o indivíduo me pertence, faço dele o que quiser, sempre visando, é claro, ao bem do. Que homem mau, esse Siemión Ivanovitch. E que má cara! 'Mande aplicar-lhe umas boas chibatadas.' Foi de propósito que disse isso. Não, esses métodos são para você. Use você a chibata, eu não; saberei punir o meu Trifón com uma única palavra; uma breve censura... será suficiente para que ele o sinta.

Mas quanto a castigos corporais, hum...! Isso é uma questão a resolver.... Que tal se de passagem eu fosse ver Emerance?" — Irra! Malditos pontões! — exclamou de súbito, furioso por ter tropeçado.

— "E ainda querem que isto seja uma grande capital! Oh civilização! Corre-se o risco de quebrar uma perna! Hum! Não consigo tragar esse Siemión Ivanovitch! É uma cara antipática. Riu-se de mim porque eu disse que devíamos abraçar-nos moralmente. Bem; e ainda que isso acontecesse, que teria você COM isso? Não se assuste que não é a você que vou abraçar; preferiria um camponês.... Se neste instante eu topasse com um camponês, haveria de dirigir-lhe a palavra.

Verdade que eu estava um pouco tocado' e talvez não tenha me expressado bem. Hum! É possível que ainda agora não esteja me expressando bem. Não tomarei a beber. Do que falamos a noite nos arrependemos no dia seguinte. Afinal, estou caminhando com passos firmes!... Mas são todos uns velhacos!"

Tais eram os incoerentes pensamentos que cruzavam a mente de Ivan Ilítch enquanto seguia pela calçada em direção a sua casa. O ar fresco da noite ativava-lhe o raciocínio. Cinco minutos depois, ter-se-ia sentido apaziguado e sonolento. Mas, de repente, a poucos passos de distância da Bolshoi Prospekt, ouviu sons de música. Relanceou o olhar em torno.

Numa velha casa de madeira de um único andar, porem ampla, que se erguia solitária do outro lado da rua, parecia celebrar-se uma festa; um violino, um contrabaixo e uma flauta esforçavam-se o mais que podiam para executar uma quadrilha. Junto as venezianas, reunira-se um grupo de curiosos, na maioria mulheres de casacos acolchoados e lenços na cabeça, que lutavam por espiar através das frestas para ver alguma coisa do baile. Era evidente que havia ali dentro muita alegria. Do outro lado da rua ouvia-se o compassado sapatear dos dançarinos. Ivan Ilítch viu por perto um guarda-noturno e dirigiu-se a ele: — A quem pertence aquela casa, meu amigo? — indagou entreabrindo a gola de sua cara peliça apenas o suficiente para que o guarda pudesse ver-lhe a condecoração.

— Ao funcionário Pseldonímov — respondeu o guarda-noturno, que reparara imediatamente na condecoração e perfilara-se.

— Pseldonímov! Hum! Pseldonímov! ... E por que essa festa? Porventura terá se casado?

— Sim, Excelência, casou-se hoje com a filha de um conselheiro titular. Mlekopitáiev, conselheiro titular... que trabalhava na Prefeitura. A casa faz parte do dote.

— Quer dizer que agora é propriedade de Pseldonímov e não de Mlekopitáiev?

— Exatamente, Excelência. Antes era de Mlekopitáiev, mas agora é de Pseldonímov.

— Hum! Quis informar-me porque sou justamente o seu chefe. Ocupo o posto de general no lugar onde ele trabalha.

Deveras, Excelência?

O guarda-noturno perfilou-se mais ainda, enquanto Ivan Ilítch refletia. Ficou parado, pensando...

Sim, Pseldonímov trabalhava, realmente, em sua repartição e em seu próprio gabinete; lembrava-se disso. Era um humilde escriturário, cujo ordenado não ia além de dez rublos mensais. Como fizesse pouco tempo que Ivan Ilítch assumira a direção da Chancelaria, não podia recordar-se com precisão de todos os seus subalternos, mas Pseldonímov ficara-lhe na memória por causa do sobrenome.

Vinha-lhe agora a mente a imagem de um moço de nariz comprido e adunco, cabelos de um loiro esbranquiçado caídos em mechas, magro e

subnutrido, metido num dólma incrível e numas calças ainda mais incríveis. Ocorria-lhe, além disso, a lembrança de que, ao contemplar pela primeira vez sua figura, pensara em dar-lhe, a título de festas, dez rublos para que melhorasse a sua indumentária. Como, porém, a fisionomia do pobre rapaz revelasse grande mediocridade e seu olhar irradiasse profunda antipatia, pouco a pouco foi-se extinguindo por si mesmo esse bom pensamento e acabou por não dar a Pseldonímov gratificação alguma. Todas estas circunstâncias fizeram crescer seu assombro quando, na semana anterior aquela, o tal Pseldonímov pedira licença para casar-se; Ivan Ilítch lembrava-se de que, no momento, não tivera tempo de informar-se mais pormenorizadamente e o assunto do casório foi resolvido meio às pressas. Mas, apesar disso, recordava-se agora que Pseldonímov ia receber, juntamente com a noiva, uma casa de madeira de um único andar e quatrocentos rublos de dote. Este detalhe não deixara de surpreendê-lo; fizera até um trocadilho com os nomes Pseldonímov e Mlekopitáiev. Tudo isso lhe vinha claramente à memória.

Meditava, mergulhando cada vez mais em seus pensamentos. É sabido que, no espaço de um segundo, pode cruzar-nos a mente toda uma série de considerações e juízos sob a forma de sentimentos nada fáceis de traduzir em palavras e muito menos em linguagem literária. Assim, pois, não tentarei continuar reproduzindo todos esses sentimentos do nosso herói, mas apenas, e o melhor que puder, o que nele houver de mais essencial; ou antes, apenas o que for mais necessário e mais verdadeiro, já que nossas sensações, traduzidas em palavras, se tornariam de todo inverossímeis.

Naturalmente, as sensações e sentimentos de Ivan Ilítch eram um tanto incoerentes, porém nós já sabemos a razão disso.

"Ficamos só neste falatório" — pensou - "mas quando chega a hora de agir, não fazemos nada. Aqui temos um exemplo — o de Pseldonímov; deve ter voltado da igreja animado, cheio de ilusões, contente... O dia de hoje é um dos mais venturosos de sua existência... Neste momento, deve estar atendendo aos seus convidados, em honra dos quais fez a festa... É modesto e pobre, mas não obstante, franco, alegre, sincero.... Se ele soubesse que neste instante eu — eu, o seu chefe supremo, me encontro aqui, junto a sua casa, e ouço a música do seu casamento.... Sim, com efeito, que aconteceria? Que faria ele se eu

agora me decidisse simplesmente a entrar em sua casa? Hum! ... A princípio, como é natural, ficaria mudo de espanto; eu estragaria a sua festa, poria tudo a perder...

sim; esse seria o efeito que produziria a presença de qualquer outro chefe, porém não a minha....

Outro qualquer se tornaria importuno, mas eu não! Sim, sim, meu querido Stepán Nikíforov. Ha pouco, o senhor não conseguia entender-me; pois aqui tem um exemplo que vem a calhar. Hum!

Sim! Todos nós falamos muito em humanidade, mas de heroísmo, de belas ações, disso somos totalmente incapazes. Que espécie de heroísmo? Bem, julguem os senhores por Si mesmos; no atual regime social, ficaria bem que eu, a meia-noite, fosse a festa de casamento de um subalterno, de um escriturário, cujo salário não vai além de dez rublos mensais? Isso seria uma loucura, representaria uma revolução, seria o último dia de Pompeia, um disparate. Ninguém o compreenderia! Stepan Nikíforov deixara este mundo sem compreendê-lo. Ele mesmo disse: 'Não suportaremos! '. Sim; mas isso é com vocês, velhos, meus caros, não comigo; vocês são seres paralisados, escleróticos; eu, porém, suportarei! Transformarei o último dia de Pompeia no dia mais feliz do meu subalterno, e esse gesto inaudito transformar-se-á num ato normal, patriarcal, elevado e moral. Como? Pois é o que irão ver. Atenção... Bom; suponhamos que... eu me apresente. No primeiro momento se surpreendem, se assustam, suspendem o baile, ficam a olhar para todos os lados, sobressaltados, e recuam diante de mim. Magnifico; eu, entretanto, me adianto, vou direto ao atemorizado Pseldonímov e digo-lhe, com o mais amável dos sorrisos: 'Imagina que estive esta noite em casa de Sua Excelência, o Sr. Stepan Nikíforovitch, aqui perto...'. E conto-lhe logo, em tom de brincadeira, o episódio ocorrido com Trifón, passando em seguida a explicar-lhe como resolvi fazer o trajeto a pé... 'De repente ouvi a música e interroguei o guarda-noturno, vindo a saber por ele que tu, meu irmão, celebravas hoje o teu casamento. Ah! Então disse a mim mesmo: 'Homem, deves entrar, deves ir ver com teus olhos como se divertem os teus subalternos... e como se casam. Espero que não me vás pôr na rua!' Pôr-me na rua, um subalterno! Com toda certeza perdera a cabeça, se apressará em oferecer-me uma poltrona. Como diabo iria pensar em pôr-me na rua? Estremecera de gosto e seu

assombro não terá mais fim... Bem; pode haver algo mais simples e mais elegante do que realizar uma ação dessas? Por que entrei? Ah! Essa é outra questão! Esse é o aspecto moral da coisa... Hum! Em que era mesmo que eu estava pensando? Ah, sim! Naturalmente se apressar-se-ão a sentar-me ao lado do convidado mais importante, algum conselheiro titular ou algum parente, algum capitão aposentado de nariz vermelho... Gógol descreveu de forma admirável esses tipos. Bom; na certa apresentar-me-ão também a noiva. Eu a elogiarei, alegrarei os convidados, pedir-lhes-ei que não se incomodem por minha causa e que continuem o baile, permitir-me-ei alguns chistes. Em uma palavra: mostrar-me-ei encantadoramente amável com todo o mundo. Aliás, sou sempre encantadoramente amável, quando me sinto satisfeito comigo mesmo. Hum! Sim, é isso mesmo; estou um pouquinho... não digamos bêbedo, mas sim.... Não é preciso dizer que, como cavalheiro que sou, trato a todos de igual para igual e não exijo nada de ninguém... Mas moralmente, moralmente...

Isso é outra coisa; eles o compreenderão e saberão dar o devido valor.... Minha ação despertara neles seus mais nobres sentimentos.... Ficarei lá uma meia horinha.... Por mim, ficaria até uma hora inteira. Até pouco antes da ceia; correrão da sala para a cozinha as voltas com bolos e assados, far-me-ão salamaleques; eu, porém, me limitarei a aceitar uma taca de vinho para fazer o meu brinde e a agradecer-lhes o convite para a ceia, que não posso aceitar. Dir-lhes-ei, simplesmente: `Negócios'.

A palavra *negócios* bastará; no mesmo instante farão todos uma cara muito respeitosa. E, ao mesmo tempo, dar-lhe-ei a entender, assim, da forma mais delicada, que entre mim e ele... há alguma diferença. Como entre o céu e a terra. Não que eu queira impressioná-los com isso, mas tem que ser assim... no sentido moral é até imprescindivelmente necessário, por mais objeções que se possam formular. No mais, poderei até sorrir; poderei até rir-me, o que fará que todos recobrem a animação.... Farei de novo algumas brincadeiras com a noiva. Hum! Poderia insinuar, mesmo, que dentro de nove meses voltaria aqui como padrinho. Ah, ah, ah! Na certa ela daria à luz no prazo marcado. Essa gente se multiplica como coelhos. Bem; como é natural, todos se porão a rir; a noiva se ruborizará e eu, então, a beijarei ternamente na fronte, chegarei mesmo a dar-lhe a bênção... e amanhã todos, na Chancelaria,

ficarão sabendo da minha façanha. No dia seguinte voltarei a adotar a minha severidade, o meu espírito exigente, minha implacável disciplina; não obstante, saberão já quem sou. Conhecerão a minha alma, o fundo da minha natureza. Dirão: 'Como chefe é severo; mas como homem, é um anjo. E, nesse caso, terei vencido; com uma simples ação que nada tem de especial, conquistarei o coração de todos; serei como um pai em relação aos seus filhinhos... E então, Excelentíssimo Sr. Stepan Nikíforovitch, veja o senhor se será capaz de fazer algo semelhante.... Sim, os senhores já sabem, os senhores já compreendem que Pseldonímov não deixará de contar aos seus filhos e aos seus netos de como Sua Excelência, em pessoa, assistiu ao seu casamento. E seus netos transmitirão aos seus bisnetos, como se fosse uma sagrada tradição de família, a história do dignitário, do grande estadista que ainda virei a ser e que, em outros tempos, honrou com a sua presença, etc.... etc..... Isto equivaleria, na verdade, a reerguer um homem moralmente humilhado, reintegrando-o em si mesmo... O salário dele é de dez rublos por mês!

Cinco vezes que eu repetisse uma coisa dessas, ganharei uma enorme popularidade... Meu nome se gravaria em todos os corações e só Deus sabe o que de tudo isso me resultara no futuro, o que poderá advir dessa popularidade..."

Nestes, ou em termos parecidos, pensava Ivan Ilítch. (Que não pensa, às vezes, o homem, sobretudo quando se acha num estado de espírito um tanto excêntrico!) Todas essas reflexões cruzaram-lhe a mente no espaço, talvez, de meio minuto, se tanto, e por certo ter-se-ia dado por satisfeito com tais fantasias, imaginando a confusão de Stepan Nikíforovitch, depois do que, voltaria tranquilamente para casa e iria dormir. Teria sido o mais acertado. Mas, quis a má sorte que, naquele instante, ele se encontrasse, como já disse, num estado de espírito um tanto excêntrico. Quis a má sorte que, naquele minuto decisivo, sua imaginação exaltada o fizesse ver, de repente, as fisionomias satisfeitas de Stepan Nikíforovitch e de Siemión Ivanovitch. "Nós não suportaremos!" repetia Stepan Nikíforovitch, com desdenhoso sorriso. "Ih, ih, ih!" Fazia coro, com seu horrível risinho, Siemión Ivanovitch. "Ah, é assim? Pois não de ver. Vou mostrar-lhes já como sou capaz de

suportar" — declarou em tom resolutivo Ivan Ilítch, chegando a sentir uma espécie de torvelinho mental.

Desceu do passeio e, com passo firme, atravessou a rua em direção a casa do seu subalterno, o escriturário Pseldonímov.

2

Sua estrela o arrastava. Atravessou, confiante, o portão escancarado e afastou com desdenhoso pontapé o cachorrinho felpudo que, por entre latidos e mais por obrigação do que realmente por braveza, atirou-se-lhe às pernas. Por uma rampa de tabuas, chegou aos três velhos degraus de madeira do pórtico fechado, semelhante a uma guarita, através do qual penetrou numa minúscula varanda. Em algum canto brilhava uma vela de sebo ou um pequeno lampião, mas isso não impediu que Ivan Ilítch, de galochas como estava, enfiasse o pé esquerdo numa bacia de galantina que ali tinha sido posta a gelar. Ivan Ilítch abaixou-se, preocupado, para ver o que acontecera e percebeu, com espanto, que sobre o assoalho areado havia mais dois pratos de geleia e duas fôrmas de manjar branco. A galantina em que ele pisara deixou-o perturbado e durante um segundo se deteve, pensando se não seria melhor voltar-se devagarinho e ir embora. Logo, porém, afastou essa ideia, como uma covardia. Disse, de si para si, que ninguém ainda o vira e que, portanto, ninguém iria atribuir-lhe a culpa daquele desastre. Limpou rapidamente a galocha para que desaparecesse qualquer vestígio do que se passara e bateu a porta forrada de feltro, a procura do ferrolho. Por fim abriu-a e entrou num acanhado vestíbulo. A metade do cômodo estava entulhada de capas, pelicas, sobretudos, lenços, regalos e galochas, amontoados uns sobre os outros; na outra metade instalara-se a orquestra - dois violinos, uma flauta e um contrabaixo -- num total de quatro músicos ambulantes. Estavam sentados em torno de uma mesinha de madeira tosca, sobre a qual ardia uma única vela de sebo, e tocavam, com grande entusiasmo, o que, para o recém-chegado, pareceu ser a última parte de Lima quadrilha. Pela porta aberta, podiam ver-se os dançarinos na sala

contígua, girando por entre nuvens de pó, de fumo e cheiros de comida. Reinava ali um frenesi de alegria.

Ouviam-se risos e gritinhos de mulher. Os cavalheiros sapateavam como um esquadrão de cavalos, e, através daquela barafunda, destacavam-se as vozes de comando do marcador de quadrilha que, ao que parecia, era um indivíduo muito desembaraçado, de casaca desabotoada: "Cavalheiros para a frente ! *Chaîne de dames! Balancer!* etc., etc."⁸. (8. "*Cadeira de damas! Balançar! etc. etc.*" Em francês no original. — N. da T).

Ivan Ilítch, um tanto agitado, despiu a pelica, tirou as pressas as galochas e com o gorro nas mãos entrou na sala. Digamos de passagem que já havia perdido a faculdade de raciocínio.

No primeiro minuto ninguém deu pela sua presença; estavam todos entusiasmados, dançando o final da quadrilha. Ivan Ilítch ficou parado, como que aturdido, sem poder distinguir nada em meio aquele "angu". Viu, de relance, trajas femininos e homens de cigarro entre os dentes.

Redemoinhavam diante de seus olhos, e a larga *écharpe* azul esvoaçante de uma das damas roçou-lhe o nariz. Vinha atrás dela, louco de animação, um estudante de Medicina descabelado que, de passagem, chocou-se violentamente com ele. Chamou-lhe a atenção também a figura de um oficial que deveria ter uma versta de altura. Por entre o sapateado, alguém gritou com voz estentórea: — E... e... eh, Pseldonímuchka!

Sob os pés de Ivan Ilítch havia algo pegajoso. Deviam ter passado espermacete no chão. Na sala, aliás espaçosa, dançavam umas trinta pessoas.

Mas, ao cabo de um minuto, terminou a quadrilha e, quase no mesmo instante, aconteceu precisamente aquilo que Ivan Ilítch imaginara quando seguia pela calcada. Dentre os convidados e dançarinos que nem sequer haviam tornado fôlego ou enxugado o suor, ergueu-se um estranho rumor de cochichos abafados. Todos os olhos, todos os semblantes, voltavam-se e fixavam o recém-chegado. Iniciou-se, ao mesmo tempo, um recuo geral e todos se puseram a andar para trás como caranguejos. Os que ainda não o tinham visto, eram prevenidos pelos outros por fortes puxões.

Voltavam-se imediatamente e também recuavam. Ivan Ilítch continuava em pé, diante da porta, e não se atrevia a dar um passo; mas, entre ele e os convidados, a distância se tornava cada vez major, até que, por fim, metade da sala acabou por esvaziar-se, vendo-se apenas as pontas de cigarro e as migalhas de doces espalhadas pelo chão. Naquele instante, do grupo de pessoas que ali se comprimiam, destacou-se com timidez um jovem de uniforme, que atravessou o espaço vazio.

Cabelos revoltos, quase esbranquiçados de tão louros, nariz adunco, aproximou-se com o corpo inclinado para a frente. Deteve-se, olhando para o inesperado conviva, tal qual um cachorrinho, de rabo entre as pernas, se aproxima, arrastando-se, do dono que o 'chama para levar uma sova merecida.

— Boa noite, Pseldonímov, estas me reconhecendo? — Indagou Ivan Ilítch.

Sentiu, porém, no mesmo instante, que dissera aquilo tolhido por um grande constrangimento e que talvez estivesse cometendo uma enorme estupidez.

— Sua... Ex...celência — murmurou Pseldonímov.

— Pois é, sou eu mesmo, meu irmão, que, por um caso, como já debes ter imaginado, vim a tua casa...

Mas Pseldonímov, evidentemente, naquele instante no estava em condições de imaginar coisa alguma. Estatelara-se ali, de olhos esbugalhados, na mais total perplexidade.

— Suponho que não irás botar-me pela porta fora.... Contente ou não, debes receber a visita — prosseguiu Ivan Ilítch, enquanto tornava a dominá-lo o sentimento de que a sua confusão atingia as raias de uma indecorosa fraqueza, da qual queria sorrir e não podia, e de que cada vez se tornava mais impraticável a sua intenção de contar em tom humorístico o que se passara om o seu cocheiro.

Mas Pseldonímov, como que de proposito, continuava imóvel, devorando-o com seus olhos estúpidos. Ivan Ilítch estremeceu e disse consigo mesmo: "Mais um minuto assim e vai haver um incrível estouro!"

— Não vim incomodar, pois não? ... vou-me embora.... Balbuciou, sentindo um leve tremor nervoso na comissura direita dos lábios.

Pseldonímov caiu em si.

— Por favor, Excelência, não diga isso... dê-me a.... a honra... de sentar-se - murmurou por entre rápidas medidas.

Já mais refeito da primeira emoção, indicou de repente, com as duas mãos, o sofá, cuja mesinha fora encostada a parede para não estorvar os dançarinos.

Ivan Ilítch conteve um suspiro de alívio e deixou-se cair sobre o sofá. Imediatamente um dos presentes se deu pressa em recolocar no lugar a mesinha. Ivan Ilítch correu ligeiramente o olhar em torno e observou que, a exceção dele próprio, não havia mais ninguém sentado, na sala. Inclusive as senhoras continuavam de pé. Isso era um mau sinal. Mas ainda não era chegado o momento de tranquilizar e animar a assistência. Os convidados continuavam de pé, intimidados, comprimidos uns contra os outros, e, diante dele. Pseldonímov insistia em manter-se dobrado em dois, sem chegar a compreender o que estava sucedendo e longe de se dispor a sorrir. Era simplesmente horrível; ou, em outras palavras, o nosso amigo sofria tanto naquele instante, que o seu rasgo de condescendência em relação aos seus subalternos, digno de um Harum Al Raschid, podia ser considerado na verdade uma ação heróica.

De súbito, surgiu ao lado de Pseldonímov uma figura que também se curvou diante de Ivan Ilítch.

Com indescritível alegria, dir-se-ia mesmo, para sua felicidade, Ivan Ilítch reconheceu imediatamente o escriturário-chefe da Chancelaria, Akím Petróvitch Zubíkov, com o qual não mantinha relações, mas conhecia apenas como um funcionário discreto e trabalhador. Levantou-se mais que depressa e estendeu a Zubíkov a mão toda, não apenas dois dedos. Zubíkov apertou-a entre as suas, com profundo respeito. O general triunfava; tudo estava salvo.

Com efeito, já agora Pseldonímov não era mais a segunda, mas sim a terceira pessoa. Podia afinal contar a sua história diretamente ao escriturário-chefe, tratá-lo, em caso de aperto, como a um conhecido, talvez até como a um amigo, enquanto Pseldonímov poderia calar-se ou tremer como bem entendesse. Assim estariam resguardadas as conveniências. Ivan Ilítch sentia que era absolutamente necessário contar essa história, via que todos os convidados aguardavam algo, que todos os moradores da casa se acotovelavam junto as portas, ameaçando encarapitar-se uns sobre os outros na ânsia de vê-lo e de ouvi-lo. A

única coisa desagradável era que o estúpido escriturário-chefe continuava de pé.

— Por que não se senta? — indagou Ivan Ilítch, apontando com certo constrangimento o lugar vago ao seu lado, no sofá.

— Oh, não se incomode... sentarei aqui... — balbuciou, confuso, Akím Petróvitch.

E sentou-se de modo resolutivo na cadeira que Pseldonímov — o qual, de sua parte, também não se sentava — lhe empurrou de encontro as pernas.

— Imaginem os senhores o que acaba de acontecer-me — começou Ivan Ilítch com voz ainda insegura, mas sempre amável, dirigindo-se exclusivamente a Akím Petróvitch.

Encompridava o mais possível as palavras, acentuava lentamente as sílabas e pronunciava os *aa* quase como *ee*; em suma, sentia e compreendia que estava sendo afetado, mas não conseguia controlar-se. Tornava-se, naquele momento, consciente de estar sob a ação de alguma força exterior.

— Imagine o senhor, venho da casa de Stepan Nikíforovitch Nikíforov, o conselheiro privado, de quem, por certo; já ouviu falar... ele faz parte daquela comissão.

Akím Petróvitch inclinou-se respeitosamente com todo o busto e disse: — Como não, Excelência! Nós o conhecemos!

- ...É atualmente teu vizinho — acrescentou Iván Ilítch, voltando-se para Pseldonímov, de quem logo desviou os olhos, pois nos de Pseldonímov só pudera ler a indiferença que tudo aquilo lhe causava.

— A inspiração de toda a sua vida foi sempre comprar uma casa... Bern; pois agora, por sorte, conseguiu comprá-la. Uma linda casa.... Sim... e acontece que hoje era dia dos seus anos, e, por puro contentamento com a compra da casa, não o ocultou de nós como sempre fizera. Pois bem; por esse motivo, tinha-nos convidado, a mim e a Siemión Ivanovitch. Siemión Ivanovitch — Chipuliénko - o senhor conhece, pois não?

Akím Petróvitch tornou a fazer com o busto outra respeitosa reverência, imprimindo-lhe major fervor. Ivan Ilítch tranquilizou-se um pouco, pois já havia chegado a temer que o escriturário-chefe viesse a

adivinhar set aquele o seu único ponto de apoio. Isso seria de todo lamentável.

Bem; pois estávamos ali sentados, tomando champanha e falando de diversos problemas... em suma... chegamos até a discutir. Eh, eh!

Akím Petróvitch arqueou as sobrancelhas com expressão de respeito.

— Mas não é disso que se trata agora. Despedi-me, finalmente, do dono da casa, pois como sabem é um velho metódico e costuma deitar-se cedo. Aliás, isso é próprio de pessoas idosas. Ao sair, verifico que o meu Trifón não está lá. Preocupo-me e indago: "Onde se meteu Trifón com minha caleça?". Julgando que eu fosse demorar-me mais tempo, o cocheiro resolveu ir ao casamento de uma parenta, ou irmã, Deus sabe onde, na Petersburg Prospekt... é claro que levou consigo a caleça.

Por amor as boas maneiras, tornou a olhar para Pseldonímov, o que fez com que este se curvasse noutra reverencia; isso não agradou de modo algum ao general, que pensou consigo: "Este camarada não tem coração!

— Oh, não diga! — Exclamou profundamente impressionado Akím Petróvitch.

Um vago rumor de surpresa produziu-se também no compacto grupo dos demais convivas.

— Pois é verdade! Imagine o senhor a minha situação...

E Ivan Ilítch relanceou pelos presentes um olhar de interrogação.

— Como não tivesse outro recurso, resolvi ir a pé. Pensei comigo: "Quando chegar a Bolshoi Prospekt, encontrarei na certa um trenó... Eh, eh!

— Ih, ih, ih! — Ecoou Akím Petróvitch, consciente do seu dever.

E de novo um murmúrio, desta vez mais animado, percorreu a compacta assistência. Naquele instante, a manga de um lampião pendurado na parede quebrou-se com forte estalido. Alguém correu logo a ver o que sucedera e se havia um meio de remediar o incidente. Pseldonímov estremeceu e lançou ao lampião um olhar severo; mas o general não reparou no ocorrido e, assim, sem mais demora, todos se tranquilizaram.

Assim, pois, vim a pe.... Esta uma noite admirável, sem sombra de vento. Eis que, de repente, ouço música e rumor de dança. Informo-me com o guarda-noturno e este me comunica que Pseldonímov está

festejando o seu casamento. Meu irmão, a tua festa ecoa por toda a Petersburg Prospekt! Ah, ah, ah!

- Ih, ih, ih! E sim — concordou Akím Petróvitch.

Os convidados cochichavam e começavam novamente a agitar-se; a única coisa a lamentar, era que o estúpido Pseldonímov no sorrisse sequer diante daquele gracejo e, em vez disso, recomeçasse as suas famosas reverências, que fazia, aliás, como se fosse de pau. "Será que esse sujeito é tão bobo?"

— Pensou com espanto Ivan Ilítch. "Se este asno se resolvesse a sorrir, ainda que de leve, tudo se arranjará." O coração palpitava-lhe com impaciência.

— "Espera lá! Disse a mim mesmo. Por que não fazer uma visita ao teu subalterno? Ainda que isso não o agrade, não irá, certamente, botarte na rua..." — Perdoa-me, pois, meu irmão. Naturalmente, se vim incomodar-te, retirar-me-ei.... Apenas vim...

Mas, pouco a pouco, fizera-se notar um certo movimento entre os convidados. Akím Petróvitch sorria, um sorriso adocicado, como se quisesse dizer: "Por Deus! Como é que Sua Excelência poderia incomodar!" e os outros convivas também manifestavam indícios de confiança. As senhoras, quase todas, já se haviam sentado, o que, positivamente, era um bom augúrio. As mais ousadas se abanavam com os lenços. Uma delas, envergando um vestido de veludo surrado, proferiu deliberadamente algumas palavras em voz alta. O oficial a quem as dirigira quis contestá-

las no mesmo tom, mas como não havia na sala mais ninguém com coragem de altear a voz, não chegou a consumir o seu propósito. Os cavalheiros, na sua maioria funcionários da Chancelaria, mais dois ou três estudantes, trocavam olhares entre si, como se pretendessem animar-se mutuamente a fazer alguma coisa, embora se limitassem a pigarrear e a dar alguns passos de um lado e de outro. No fundo, não estavam propriamente intimidados, apenas um pouco inquietos, e quase todos, lançavam olhares hostis àquele intruso que viera entregar-lhes a festa. O oficial, envergonhado, afinal, da sua covardia, fez das tripas coração e aproximou-se da mesa.

— Ouve, meu irmão, permite-me que te pergunte o teu nome e o de teu pai — disse Ivan Ilítch, dirigindo-se a Pseldonímov.

— Porfírii Petróv, Excelência... — respondeu sem demora este último, como um autômato, de olhos arregalados.

— Porfírii Petróv, por que não me apresentas a tua esposa?
Conduze-me até ela... eu...

E manifestou a intenção de levantar-se do sofá. Apercebendo-lhe o intento, Pseldonímov lançou-se rumo ao cômodo contíguo. Aliás, a noiva estava junto a porta; mas, ao perceber que falavam dela, tornou a entrar no quarto, onde se escondeu. Um minuto depois, Pseldonímov voltava novamente a apresentar-se na sala, trazendo-a pela mão. Todos se afastaram, abrindo passagem para os dois. Ivan Ilítch levantou-se com ar solene e, dirigindo-se com afável sorriso a recém-casada, disse-lhe: — Muito, muito prazer em conhecê-la.

E com uma aristocrática meia mesura, acrescentou: — Tanto mais, em se tratando de um dia como o de hoje...

Esbouçou um significativo sorriso. As senhoras manifestavam certo alvoroço.

— *Charmant!*⁹ (9 . "Encantados" Em francês, no original. — N. da T.) - exclamou quase em voz alta a dama do vestido de veludo.

A recém-casada era bem digna de Pseldonímov. Uma mulherzinha miúda e fraca, de seus dezessete anos, com um rostinho pálido, no qual sobressaía o nariz pequeno e pontudo. Seus olhinhos fixavam o gentil visitante sem o mais leve indício de embaraço, pelo contrário, havia neles muita firmeza e até mesmo certo ressentimento. Pseldonímov devia achá-la uma beleza. Usava um vestido de noiva, de musselina branca, forrado de rosa. Tinha o busto horrivelmente magro, com os ossos saltados como um peito de frango. Diante das cortesias lisonjas do general, não logrou articular uma só resposta.

— Como é bonitinha! — Volveu Ivan Ilítch, a meia voz, como se se dirigisse ao seu subalterno, porém, em tom bastante alto para que a noiva pudesse ouvi-lo.

Mas Pseldonímov também não respondeu a esses elogios senão com o silêncio, nem sequer se moveu, esquecendo-se, desta feita, de fazer mais uma das suas reverências. Ivan Ilítch teve a nítida impressão de notar em seus olhos um que de frieza, para não dizer de hostilidade. E,

apesar disso, era absolutamente necessário, custasse o que custasse, despertar o sentimento que buscava. Só para isso entrara naquela casa.

"Que boa parelha!" — Pensou consigo.

E voltou-se uma vez mais para a noiva, que se sentara ao seu lado no sofá, pondo-se a falar com ela, sem conseguir arrancar-lhe mais que um "sim" ou um "não", às vezes nem isso.

"Se ao menos se mostrasse encabulada — pensou, furioso — eu poderia brincar com ela. Mas desta maneira fico num beco sem saída."

Akím' Petróvitch, como que de proposito, também se calava e ainda que o fizesse por pura estupidez, nem por isso sua atitude era menos imperdoável.

— Meus senhores! Terei vindo estragar-lhes a festa? — Indagou, dirigindo-se a todos os convidados. Sentia o suor a umedecer-lhe as palmas das mãos.

— Não, não se preocupe, Excelência! Vamos recomeçar imediatamente o baile; estávamos mesmo precisando descansar um pouco — respondeu-lhe o oficial sobre o qual a noiva se comprazia em pousar os olhos.

Não era velho e usava uniforme. Pseldonímov continuava impassível e seu nariz recurvo parecia cada vez mais comprido. Conservava-se ali, em pé, ouvindo o que se dizia, como se fosse um laçao com os braços carregados de peliças e capas, ouvindo o que conversam os patrões ao se despedirem.

Foi esta a comparação que ocorreu a Ivan Ilítch. Sentia-se cada vez mais desambientado. Percebia que estava perdendo terreno e que se metera numa enrascada da qual não conseguia safar-se.

Nisto, os convidados tornaram a abrir alas para dar passagem a uma senhora de idade, de estatura mediana, cheia de corpo, vestida com simplicidade, porém com esmero, os ombros cobertos por um grande xale preso ao pescoço e tendo a cabeça uma coifa a qual no parecia muito habituada. Trazia nas mãos uma bandeja redonda na qual se viam uma garrafa de champanha cheia, embora já aberta, e duas tacas — apenas duas. Pelo visto, só tinham comprado o champanha para dois convidados.

A velha foi direta ao Conselheiro.

— Não repare, Excelência — disse, depois de uma saudação e de uma mesura. — Já que o senhor se dignou dar-nos a honra de assistir em pessoa a festa do casamento de meu filho, agradeceríamos se tivesse a amabilidade de erguer um brinde aos noivos, com uma taca de vinho. Não nos desdenhe. Conceda-nos essa honra.

Ivan Ilítch agarrou-se a ela como a uma tábua de salvação. Não era ainda, propriamente, uma velha, pois teria seus quarenta e cinco a quarenta e seis anos. Tinha, porém, um rosto tão bondoso, tão rosado, tão redondo, de uma franqueza e ingenuidade tão russas - sorria com tanto bom humor e o saudara de maneira tão simples, que Iván Ilítch tornou a recobrar ânimo.

— De sorte que é a se.... senhora a mãe de seu filho?

— Indagou, levantando-se.

— Sim, Excelência, minha mãe — confirmou Pseldonímov, esticando ainda mais o longo pescoço e encompridando mais o nariz recurvo.

Ah! Muito prazer... muito prazer em conhecê-la!

— Pois conceda-nos essa honra, Excelência.

— Com a maior satisfação, senhora.

A mulher colocou a bandeja sobre a mesa e Pseldonímov apressou-se a servir o champanha. Ivan Ilítch, ainda de pé, empunhou a taça.

— É-me profundamente grato... erguer minha taça neste momento...começou. — Quero demonstrar...

como chefe, a minha benevolência... Desejo que seja muito feliz, minha senhora – continuou, dirigindo-se à noiva. E a ti, amigo Porfírii, almejo uma felicidade perfeita e duradoura. Levantou a taça e esvaziou-a de um só trago, até com emoção. Era a sétima que bebia naquela noite.

Pseldonímov olhava-o sério e mesmo carrancudo. O general começava a sentir por ele um ódio angustiante.

"E aquele espantalho que não abre a boca!" — Pensou, lançando um olhar furioso ao oficial. "Por que não haveria de dar sequer um 'hurra!'?... bastava isso e tudo se arranjaria..."

E tu também, Akím Petróvitch, faze o favor de beber à saúde dos recém-casados disse a velha, encarando o escriturário. — És o chefe do meu filho e peço-te que o protejas. Quem o pede é uma mãe. E não te

esqueças também de nós no futuro, pombinho; sabemos muito bem o quanto és bondoso, Akím Petróvitch.

"Como são encantadoras estas velhas russas" — pensou consigo mesmo Ivan Ilítch. "Animou-nos a todos... Hum! ... Sempre gostei de gente simples..."

Naquele instante, depuseram outra bandeja sobre a mesa; a criada que a trouxera usava um vestido de algodão engomado ainda sem lavar, armado por uma crinolina. Segurava a bandeja com as duas mãos e mal podia abraçá-la, tal o seu tamanho. Havia nela um número incontável de manjares, pratos e cestinhas com maçãs, doces, geleias, tortas e nozes. Essa bandeja fora conservada até então no cômodo contíguo, a disposição dos convidados, principalmente das senhoras. Agora, porém, traziam-na para servir o general.

— Não repare, Excelência; é o que podemos oferecer-lhe! É pouco mas oferecido de coração — insistiu a velha.

— Estou encantado! ... — exclamou Ivan Ilítch.

E tirou da bandeja, com prazer até, uma noz que estalou entre os dedos. Estava decidido a granjear popularidade a qualquer preço.

De repente, a recém-casada, ao seu lado, deixou escapar uma risadinha.

— Que aconteceu? — indagou Ivan Ilítch, sorrindo muito contente, pelo visto, com aquela inesperada manifestação de vida.

Foi Ivan Kastienkínitch que me fez rir — respondeu de olhos baixos a noiva.

O general percebeu, de fato, que um rapagão loiro, nada feio, se sentara numa cadeira na outra ponta do sofá, meio escondido, e cochichara qualquer coisa a jovem Madame Pseldonímov. O moço levantou-se em seguida. Era ainda quase um adolescente e parecia muito tímido.

— Eu apenas estava lhe falando sobre um livro de sonhos, Excelência — declarou, à guisa de desculpa.

— Que livro de sonhos é esse? — indagou Ivan Ilítch condescendente.

— Existe um novo. Alta literatura. Eu dizia a eles que quando alguém vê, em sonho, o Sr. Panáiev, é sinal de que vai derramar café na camisola.

"Mas que inocência!" — pensou lá consigo Ivan Ilítch, indignado.

Na verdade, o rapazola enrubescera ao dar aquela explicação, mas ao mesmo tempo não conseguia disfarçar o prazer por ter contado a história de Panáiev.

— Sim, é verdade, já ouvi falar — acrescentou Sua Excelência.

— E o melhor acrescentou de súbito uma voz diferente, bem próxima de Ivan Ilítch — é que está para sair um novo dicionário e dizem que o Sr. Kraiévskii vai colaborar nele com artigos e sátiras literárias.

Quem assim falava era outro moço que não dava mostras de constrangimento, pelo contrário, era bastante desembaraçado. Calcava luvas e colete brancos e conservava o chapéu nas mãos. Não dançava, e olhava de cima para os outros convivas, pois já era colaborador de um jornal satírico — *O Ferrete* — e assumia ares de grande jornalista. Viera a festa por acaso, como convidado de honra de Pseldonímov, do qual era íntimo e fora, apenas um ano antes, companheiro de pensão em casa de uma alemã. Bebera já bastante vodka e com esse objetivo fazia frequentes visitas ao modesto cômodo dos fundos da casa, cujo caminho nenhum dos presentes ignorava. O general antipatizou-se terrivelmente com ele.

— E isso se torna engraçado — interrompeu de repente, muito alegre, o rapaz loiro que contara a história da camisola e a quem o jornalista, por isso mesmo, olhava com olhos rancorosos - deveras engraçado, Excelência, porque o editor se porta como se o Sr. Kraiévskii não estivesse muito a par da ortografia e acreditasse, de fato, que em vez de *polêmico* se devesse escrever *palêmico*...

O pobre moço mal pôde acabar. Viu que o general já conhecia de velho a história, pois Sua Excelência também se mostrava confuso. O coitado passou uma vergonha horrível. Escondeu-se num canto o mais depressa que pôde e passou o resto da noite mergulhado em profunda melancolia.

Em compensação, o colaborador de *O Ferrete* aproximou-me mais e mostrou-se disposto a sentar-se perto do general. Esse desembaraço pareceu um tanto chocante a Ivan Ilítch.

— Ah! ... dize-me uma coisa, por favor, Porfírii — começou dirigindo-se ao noivo, apenas para dizer algo.

— Há muito tempo que queria perguntar-te... por que é que teu nome é Pseldonímov e não Pseudonímov? Pois não há dúvida que o teu sobrenome soa como Pseudonímov.

— Sinto muito não poder explicá-lo, Excelência - respondeu Pseldonímov.

— Pode ser que o sobrenome tenha sido modificado, quando seu pai entrou para o serviço público, por algum erro ocorrido nos documentos — observou Akím Petróvitch. — Às vezes isso acontece.

Se...gura...mente concordou o general, apanhando no ar aquela ideia. — Seguramente. Veja bem: Pseldonímov poderia ter derivado do termo literário pseudônimo. Mas, que significa Pseldonímov? Absolutamente nada!

— Não passa de uma estupidez — acrescentou inesperadamente Akím Petróvitch.

- Que quer o senhor dizer com isso de estupidez?

- O povo, aqui na Rússia, costuma trocar por pura estupidez as letras das palavras e pronuncia-as a seu modo. Assim, por exemplo, diz *neválido*, quando devia dizer *inválido*.

— Ah, sim! ... *Neválido*! Eh, eh, eh!

Ouve-se também pronunciar *múmero* em vez de *número*... é verdade... eh, eh, eh!

— Ah, sim! *múmero* em vez de *número*... E verdade... Eh, eh, eh!

Ivan Ilítch viu-se obrigado a rir para contentar o oficial. Este último ajustou a gravata.

Há também quem diga *despois* — acrescentou o colaborador de *O Ferrete*, metendo-se na conversa.

Sua Excelência, porém, fez que não ouviu a sua observação. Seu riso não podia estar à disposição de todo mundo.

Despois em vez de *depois* — repetiu o jornalista visivelmente irritado.

Ivan Ilítch lançou-lhe um olhar severo.

— Por que insistes? — Cochichou-lhe Pseldonímov.

— Será que não posso falar? — Protestou também em voz baixa o outro.

Não insistiu, porém, e com indisfarçado amuo saiu da sala.

Dirigiu-se de novo ao atraente quarto dos fundos, no qual, sobre uma mesinha coberta por uma toalha de Iároslav, os cavalheiros podiam servir-se de dois tipos de vodca, de arenques, de caviar e de uma garrafa de forte xerez de fabricação russa. Com o coração cheio de raiva, servia-se de um cálice de vodca, quando, de chofre, o estudante de Medicina descabelado, que era o melhor dançarino da festa de Pseldonímov, embarafustou pelo quarto adentro e agarrou a garrafa.

— Já vai recomençar o baile — anunciou ele. — Venha ver: vou dançar um solo de cabeça para baixo, ou melhor, de patas para o ar. Depois da ceia, vou arriscar-me a executar a "dança do peixe".

É um número muito próprio para um casamento; uma brincadeira amistosa dedicada ao nosso bom amigo Pseldonímov.... Muito "boa" essa Kleopátra Semiónovna! Com ela a gente pode atrever-se a tudo.

— É um retrógrado — comentou em tom lúgubre o jornalista, esvaziando o seu copo.

— A quem se refere?

— A esse figurão, diante de quem fizeram tantos salamaleques....

Um retrógrado, pode crer.

— Mas que coisa! - Exclamou o estudante.

E saiu do quarto como um pé de vento, pois já começavam a ouvir-se os primeiros compassos da quadrilha.

3

O jornalista nem bem se pilhou só, serviu-se de um copo major, para animar-se um pouco. Comeu depois alguma coisa e nunca o conselheiro privado Pralínskii teve um inimigo mais terrível e implacável do que o desdenhado colaborador de *O Ferrete*, mormente depois que ingeriu o segundo cálice de vodca. Só que — ai dele! — Ivan Ilítch nem sequer o suspeitava. Como ignorava também outra circunstância importante que, entretanto, haveria de exercer influência muito prejudicial nas relações ulteriores dos convidados com Sua Excelência. A coisa se resumia em que a explicação dada por ele quanto ao motivo daquela visita ao seu subalterno não satisfizera a ninguém e os convidados continuavam confusos. De repente, porém, como que por um passe de mágica, tudo se modificou. Todos se acalmaram e se puseram de novo a dançar e a rir, falando aos gritos, como se o inesperado hóspede nunca tivesse estado au. A causa dessa mudança era, nem mais nem menos, o rumor espalhado não se sabe como, de que o tal hóspede estava meio... "tocado". E embora tal rumor trouxesse a marca da mais espantosa calúnia, foi, pouco a pouco, encontrando credito entre os convivas, que acabaram por achar tudo claro! Daí por diante, todos passaram a sentir-se perfeitamente à vontade. Nesse instante, teve início a última quadrilha de antes da ceia, pela qual tanto ansiara o estudante de Medicina.

Justo quando Ivan Ilítch se dispunha a dirigir de novo a palavra a recém-casada, para conquistá-la com um galanteio, surgiu inopinadamente o oficial altão e com uma rasgada mesura ajoelhou-se diante dela. Ela levantou-se mais que depressa e afastou-se dali com o seu par, indo colocar-se na fila de dançarinos. O oficial nem sequer

desculpou-se e a moça não lançou sequer um olhar a Sua Excelência, como se desse graças a Deus por escapar dali.

"Afinal de contas está no seu direito" — pensou Ivan Ilítch. "Não tem a mínima noção de cortesia!

Hum!"

— Irmão Porfírii, não facas cerimônia — disse, encarando Pseldonímov. — Quem sabe tens algo que fazer... vamos... quero dizer que... não te prendas por minha causa...

“Na verdade, o pobre rapaz parece que se impôs a obrigação de montar-me guarda” — pensou com seus botões.

Plantado ali ao seu lado, com aquele longo pescoço e aquele nariz recurvo, sem desfitá-lo um instante, o tal Pseldonímov acabara por tornar-se insuportável. Em resumo: nada daquilo se assemelhava, nem remotamente, ao que Ivan Ilítch imaginara, embora ainda relutasse em reconhecê-lo.

Iniciou-se a quadrilha.

— Permite-me Sua Excelência? — Indagou respeitosamente Akím Petróvitch, que cambaleando sustentava na mão a garrafa de champanha e se dispunha, muito desajeitado, a encher a taça do conselheiro.

— Eu... para ser franco não sei se....

Akím Petróvitch, porem, já vertia o champanha com uma reverente satisfação estampada na fisionomia. Assim que viu a taça de Sua Excelência cheia até os bordos, resolveu encher também a sua, mas fê-lo como que constrangido, confuso e canhestro, tendo o cuidado de servir-se de uma dose menor, o que lhe pareceu ser mais delicado. Sentia-se, junto ao seu chefe, como uma mulher em trabalho de parto. De que falar-lhe? Não havia outro remédio senão conversar com ele, já que tinha a honra de estar sentado junto a Sua Excelência; era indispensável fazer-lhe sala. A única salvação era o champanha. Sua Excelência tinha que ficar satisfeito vendo que lhe enchia a taca, não propriamente pelo champanha, pois estava quente e além disso era de péssima marca, mas...

fosse como fosse, era uma satisfação moral.

"O velho naturalmente está querendo tomar um trago — conjecturou Ivan Ilítch, mas só terá coragem de beber se eu lhe fizer companhia. Não

vou privá-lo desse gosto. Seria até ridículo deixarmos a garrafa intacta diante de nós."

Tomou outro gole, pois achou melhor isso do que ficar aqui sentado sem fazer nada.

— Estou aqui — insistiu por entre enfáticas pausas — estou aqui, a bem dizer por acaso, e é possível que alguém pense... que eu... que não fique bem... como costuma dizer-se, que eu... tenha me apresentado numa reunião... como esta.

Akím Petróvitch guardava silêncio e ouvia com tímida curiosidade.

— Mas espero que ao menos o senhor compreenda o objetivo que me trouxe aqui.... Não vim cá para beber.... Ih!

Akím Petróvitch quis rir também, seguindo o exemplo de Sua Excelência, mas de súbito se conteve e ainda desta vez não chegou a proferir sequer uma palavra tranquilizadora.

— Estou aqui... como se diz, para animar a reunido... e para mostrar, ao mesmo tempo, que existe um objetivo moral — prosseguiu Ivan Ilítch.

Mas a impassibilidade de Akím Petróvitch acabou, de repente, por irritá-lo e também ele se calou.

Viu que o pobre Akím Petróvitch estava de olhos baixos, como se se sentisse culpado. O general, um tanto confuso, apressou-se em apanhar a sua taca e em tomar mais um trago. Akím Petróvitch, como que lançando mão de um último expediente, tornou a empunhar a garrafa, servindo-lhe nova dose.

"Não tens muitos recursos" — pensou consigo Ivan Ilítch.

E fitou severamente o infeliz Akím Petróvitch, que, ao sentir-se alvo do olhar do general, decidiu, de maneira definitiva, não erguer mais o seu e calar-se. E assim se mantiveram em silêncio, um diante do outro, durante dois minutos, dois minutos que para Akím Petróvitch pareceram dolorosos.

Duas palavras sobre Akím Petróvitch. Educado, de acordo com a velha escola, no respeito e na obediência, era, por um lado, pacato como uma galinha e, por outro, um bom homem, dotado mesmo de nobres sentimentos. Russo, petersburguês, ou seja, filho de pais e avós petersburgueses que tinham se criado, vivido e morrido na capital, sem jamais se afastarem dela uma única vez. Esse É um tipo especial de

russo. Não tem a mais remota ideia do que seja a Rússia, coisa, aliás, que em absoluto o preocupa. Todo o seu interesse se concentra em Petersburgo e, principalmente, nos assuntos de suas repartições. Todas as suas preocupações se resumem no joguinho de *preference*¹⁰ (10. *Jogo de cartas semelhante ao whist.* — N. da T), na lojinha onde fazem compras e no seu salário mensal. Não conhece nenhum costume russo, nenhuma canção russa, salvo a *Lutchínuchka*, e, essa mesma, apenas porque os realejos a popularizaram. No mais, há dois tipos de indícios que permitem distinguir, sem risco de equívoco, o russo petersburguês do verdadeiro russo. Em primeiro lugar, todo russo petersburguês, sem exceção, diz *Notícias Acadêmicas* em vez de *Notícias Petersburguesas*. E em segundo lugar, para significar almoço não emprega nunca a palavra *závtrak*, mas dirá sempre *frühstuck*¹¹ (11. "*Desjejum, ou primeiro almoço.*" Em alemão no original. — N. da T.), acentuando de modo especial a primeira sílaba. Por estes dois indícios positivos e seguros, pode-se reconhecer sempre o verdadeiro petersburguês, cujo tipo se cristalizou de modo definitivo nos últimos trinta e cinco anos.

No mais, Akím Petróvitch nada tinha de tolo. Se Sua Excelência lhe houvesse perguntado algo relacionado com a sua própria província, ter-lhe-ia prontamente respondido e a conversação travada por eles ganharia outro interesse. Mas, na qualidade de subalterno, que iria responder as perguntas que Sua Excelência fazia-lhe? Isso teria sido simplesmente uma incorreção. E, entretanto, morria de curiosidade por conhecer mais a fundo as verdadeiras intenções do seu chefe...

Entrementes, Ivan Ilítch cada vez se afundava mais em suas meditações, perdido num torvelinho de ideias.

Distraído, amiudava os goles de champanha. E Akím Petróvitch não perdia nenhuma oportunidade de reencher-lhe imediatamente a taça. Nenhum dos dois falava. De súbito, Sua Excelência reparou que estavam dançando bem a sua frente e não tardou em interessar-se pelo espetáculo. Houve algo, porém, que despertou a sua atenção de modo todo especial e, deixou-o imerso em grande perplexidade.

Os convidados estavam um pouquinho... "alegres". Dançavam para divertir-se e também para fazer folia. Poucos eram, entre eles, os bons dançarinos, mas os maus davam tais giros e sapateavam com tal

violência, que acabavam passando por exímios bailarinos. Quem mais se destacava, porém, era o oficial altão a quem agradavam principalmente os passos em que ficava sem dama, o que lhe permitia, até certo ponto, dançar sozinho. Quando lhe surgiam essas oportunidades, esmerava-se nos mais difíceis passos figurados. Alto como era, inclinava-se para um lado e quando se supunha que fosse perder o equilíbrio pendia para o lado oposto. Seu rosto mantinha-se o tempo todo imperturbável e sério e dançava visivelmente convencido de que todos o admiravam. Outro cavalheiro participante da quadrilha acabou caindo vencido pelo sono ao darem a segunda volta, de forma que a sua dama se viu obrigada a continuar dançando sozinha. Um jovem escriturado, que passara a noite toda dançando com a dama de *écharpe* azul, repetia em todas as figuras da quadrilha o mesmo original gracejo, isto é, mantinha-se sempre um pouco afastado do seu par e assim, a cada volta, podia agarrar a ponta da referida *écharpe*, cobrindo-a de beijos.

Mas a dama continuava a deslizar diante dele como se fosse um cisne, como se nada percebesse. O estudante de Medicina executou, de fato, um número de dança de pernas para o ar e alcançou tremendo sucesso, provocando frenético entusiasmo e gritinhos de excitação. Em resumo, ausência de cerimônia era notória. Ivan Ilítch, sobre quem o champanha começava a agir, levou sua condescendência ao ponto de sorrir; mas, pouco a pouco, foi-se instalando em sua alma uma grande decepção. Oh, sim! ... Era o primeiro a achar que as pessoas devem portar-se com desembaraço e sem convencionalismos. Não desejava outra coisa quando, ao entrar naquela casa, os convidados se retraíram cheios de timidez. Mas agora a ausência de convencionalismo ultrapassara todos os limites! Por exemplo: aquela senhora que usava um vestido de veludo surrado, de quarta mão, arregaçara a tal ponto a saia, prendendo-a com alfinetes entre as pernas ao darem a sexta volta, que parecia estar dançando de calças. Era a tal senhora a mesma Kleopátra Semiónovna, com a qual, segundo afirmara o estudante de Medicina, podiam *atrever-se a tudo*. Quanto a esse estudante, para descrevê-lo basta dizer que era um segundo Fokín¹² (12. *Famoso clown e acrobata russo* — N. da T.) Mas como pudera acontecer aquilo? Ainda há poucos minutos mostravam-se todos tão retraídos diante do novo hóspede, e eis

que, de repente, passaram a portar-se com tanta desenvoltura. A coisa, no fundo, podia não ter nada de particular; mas é que, apesar de tudo, uma transição tão brusca parecia um tanto estranha, era como que o prenúncio de algo. Na verdade, a impressão que se tinha era a de que todos se haviam esquecido da existência de Ivan Ilítch. Está visto que era o primeiro a regozijar-se com isso, levando mesmo a sua condescendência ao extremo de bater palmas. Akím Petróvitch ria também em unísono, com grande solicitude; mas não o fazia obrigado e sim com evidente prazer, sem suspeitar que Sua Excelência tinha um outro bichinho a corroer-lhe o coração.

— Dança... admiravelmente, jovem! — Comentou Ivan Ilítch quando, na última volta, o estudante de Medicina passou junto dele.

O estudante voltou-se rápido, fez uma careta inverossímil, chegou o rosto quase rente ao do Conselheiro, num gesto descarado, e, de súbito, começou a imitar o cocoricó de um galo a plenos pulmões. Aquilo era demais! Ivan Ilítch levantou-se. Uma verdadeira salva de gargalhadas ecoou pela casa, tão inesperada fora a careta do estudante e tão perfeito o seu cocoricó. Ivan Ilítch continuava em pé, meio aturdido, quando de repente apresentou-se Pseldonímov e, com uma reverência, convidou-o a passar para a sala de jantar, a fim de participar da ceia. Logo atrás, surgiu também a mãe do noivo.

— *Bátiuchka*¹³ (13. "Paizinho." *Expresso carinhosa muito usada de um inferior para um superior em russo.* — N. da T.), Excelência... dê-nos a honra.... Não desdenhe a nossa pobreza! ...

— Eu... não sei, na verdade... — balbuciou Ivan Ilítch. Não vim com essa intenção... já estava para ir embora...

De fato, tinha nas mãos o gorro de zibelina. Além disso, precisamente naquele instante, estava dando a si mesmo a sua palavra de honra de que se despediria logo, de que não ficaria para a ceia e... acabou ficando.

Ao cabo de um minuto, encaminhava-se para a sala de jantar, seguido dos demais. Pseldonímov e sua mãe iam na frente para abrir caminho. Deram-lhe o lugar de honra e tornaram a colocar, junto ao seu prato, uma garrafa de champanha aberta, mas ainda intacta. Vieram, primeiro os *zakuska*¹⁴ (14. *Salgados baratos servidos como aperitivos.*

— N. da T.), constantes de arenques salgados e vodca. Ivan Ilítch levou a mão à garrafa de vodca, encheu seu enorme cálice até a boca e esvaziou-o. Nunca tomara vodca. Parecia-lhe estar rolando pela encosta de uma montanha e enquanto rolava sentia a necessidade de agarrar-se a algo, de impedir aquela queda, mas não via como.

Sua situação tornava-se realmente cada vez mais excêntrica. Sentia a ironia do destino. Só Deus sabia o que lhe acontecera no breve espaço daquela hora e pouco. Ao entrar naquela casa, fizera-o de braços abertos, para estreitar contra o coração toda a humanidade e todos os seus subalternos, e ao fim de uma hora, se tanto, não lhe restava, por mais que isso lhe doesse, senão reconhecer que já odiava aquele antipático Pseldonímov, maldizendo-o a ele, a sua noiva e ao seu casamento. E para cúmulo de sua desventura, não se iludia, pois, todos aqueles olhos e todas aquelas caras lho afirmavam claramente — ali todo mundo o odiava, inclusive o próprio Pseldonímov, cuja expressão parecia dizer: "Que a terra se abra para tragar-te, desgraçado! Estás agarrado ao meu pescoço!".

Sim; tudo isso lera Ivan Ilítch no olhar de seu subalterno.

Não é preciso dizer que, ao sentar-se à mesa, teria sido mais fácil para Ivan Ilítch deixar que lhe cortassem a mão direita, do que confessar a si mesmo toda a verdade. O momento em que tal coisa se tornaria possível ainda não soara. O equilíbrio ainda se mantinha, mas o coração, o coração — ai!

Como lhe doía o coração! Clamava por liberdade, ar, descanso! "Mas Ivan Ilítch é, na realidade, um sujeito bom demais!" — Pensou.

Sabia, não obstante (fazia já muito tempo que o sabia), que devia retirar-se e não apenas retirar-se, como salvar-se; que todos os seus planos tinham fracassado por completo, que tudo saíra ao contrário do que imaginara ao atravessar a rua.

"Mas por que viera? Para comer e beber esta visto que não!..." — disse com seus botões, enquanto provava um arenque. Encheu-se de um rematado pessimismo e teve que reconhecer que até ele próprio, por vezes, se tornava ridículo em seu papel de herói. Começava, inclusive, a não compreender mais por que razão se encontrava ali.

"Mas como iria eu retirar-me? Ir-se daquele modo, sem concluir a coisa, era impossível. Que diriam? Que andava frequentando a

companhia de gente baixa. Isso dirão, do mesmo jeito, se eu me retirar sem mais aquela. Que dirão amanhã — pois não resta dúvida que todos ficarão sabendo — Stepán Nikíforovitch e Siemión Ivanovitch nas chancelarias? E na casa de Chémbel? E na de Chúbin? Não; tenho que retirar-me de maneira que todos compreendam bem por que vim cá, é preciso que eu lhes explique o objetivo moral da minha visita..." E, no obstante, aguardava em vão o momento patético. "Nem me respeitam mais" — continuou pensando. "De que se rirão? Estão tão à vontade como se tivessem perdido todo o sentimento.... Sim, é isso; já o disse em outra ocasião: esta nova geração vale um caracol; é insensível. Tenho que ficar, custe o que custar. E absolutamente necessário! Até agora estiveram espalhados no baile; mas agora estão todos reunidos à mesa..., Bom; pois eu lhes falarei sobre os problemas da atualidade... E isso mesmo; das reformas, da grandeza da Rússia.... Oh, sim, poderei ainda entusiasamá-los! Isso... e talvez' nem tudo esteja perdido... Talvez, na realidade, sempre suceda assim... Mas, por onde começarei para cativar-lhes logo a atenção? Ah! E preciso traçar um plano.... Não sei realmente.... De mais a mais, que será que eles querem, que será que lhes interessa? Estão se rindo de novo. Estarão caçoando de mim? ... Deus do céu! Mas que vou eu.... Por que vim cá? Por que não hei de ir-me embora? Afinal de contas que é que pretendo?" E, de súbito, acochado por esses pensamentos, sentiu-se dominado por uma grande vergonha, uma vergonha profunda, insuportável, que ameaçava dilacerar-lhe o coração.

*

Mas tudo prosseguiu na mesma — uma coisa puxando a outra.

Exatamente dois minutos depois de ter-se sentado à mesa, ocorreu-lhe um pensamento horrível, um pensamento que lhe fez correr pela fronte um suor frio. Percebeu, de chofre, que estava terrivelmente bêbedo, isto é, não apenas "tocado" como antes, mas bêbedo mesmo, de uma forma real e irremediável, em consequência da vodca que tomara depois do champanha e que não tardou a produzir efeito. Tinha plena percepção de que suas forças o abandonavam. Mas nem por isso perdeu o ânimo, muito pelo contrário, encorajou-se ainda mais. Sua consciência, porém, não descansava um instante e gritava-lhe sem cessar: "Isto vai mal, muito mal e já chega a ser indecoroso!". Como é

natural, seus pensamentos de bêbedo não se fixavam num só ponto; operou-se de repente nele, e isso não lhe passou de modo algum despercebido, um desdobramento do seu "eu". O primeiro, mostrava-se corajoso, ansioso por dar combate ao inimigo e vencê-lo, e possuía uma convicção desesperada de que ainda alcançaria o seu objetivo. Mas o segundo sentia no coração uma dorzinha surda e dilacerante. "Que dirão? Como acabara isso? E amanhã, amanhã, amanhã?"

Antes, apenas sentira, de um modo vago, que tinha inimigos entre os presentes. "Mas isso será porque estou bêbedo" — pensou, assaltado por penosas dúvidas. Seu pavor, porém, foi enorme ao dar-se conta, por certos indícios infalíveis, de que, na verdade, tais inimigos estavam sentados com ele a mesa.

"Mas por quê? Por que será?" — Perguntou a si mesmo.

Estavam sentados ali todos os convidados, uns trinta, ao todo; alguns, entretanto, já se achavam em plena embriaguez. Os demais conduziam-se de um modo tão estranho, com tão escandalosa falta de compostura, que gritavam, procurando falar cada qual mais alto que o outro e todos ao mesmo tempo, faziam brindes fora de hora e jogavam bolinhas de miolo de pão nas senhoras que estavam defronte. Um cavalheiro de paletó ensebado cairá da cadeira ao sentar-se e fora parar debaixo da mesa, onde ficou até o fim da ceia. Outro indivíduo ameaçou encarapitar-se em cima da mesa para erguer um brinde, mas o oficial altão conseguiu dissuadi-lo de seu prematuro e entusiástico intento, puxando-o pelas abas da casaca. A ceia, no que diz respeito a escolha dos pratos, deixava bastante a desejar, não obstante ter a família requisitado a ajuda de um cozinheiro, que trabalhara para certo general. Compunham o cardápio a galantina, língua assada com batatas, carne com ervilhas verdes, um ganso e sobremesa de manjar branco. As bebidas constavam de cerveja, vodca e xerez. A garrafa de champanha — a única existente -- tinha sido colocada ao alcance do general, o que o obrigava a servir-se e a servir também Akím Petróvitch, já que este não se atrevia, na mesa, a tomar iniciativa alguma. Para brindar a felicidade do novo par, os outros convivas tiveram que recorrer ao vinho tinto caucasiano reservado para isso. Na falta de uma mesa grande, haviam unido várias mesinhas, inclusive uma de jogo, todas cobertas por diversas toalhas, dentre as quais sobressaía uma de tecido floreado, de

Iáoslav. Os comensais estavam distribuídos de maneira um tanto desordenada. A mãe de Pseldonímov não quis sentar-se à mesa, ficou da sala para a cozinha dando ordens. Mas entrou em cena outra mulher, de sinistra figura, que até então não havia aparecido. Usava um vestido de seda vermelha, uma enorme touca e por causa de uma dor de dente amarrara um lenço no queixo.

Era a mãe da noiva, que até então ninguém conseguira arrancar do quarto dos fundos, tudo devido ao ódio irreconciliável que votava a sogra da filha, ponto sobre o qual voltaremos a falar mais tarde.

Essa senhora olhou para o general com um ar desdenhoso, até mesmo sarcástico e, evidentemente, não lhe quis ser sequer apresentada. Essa personagem pareceu a Ivan Ilítch bastante suspeita. Mas havia ali outras coisas que também lhe pareciam suspeitas, inspirando-lhe incontida apreensão e mal-estar. Vinha-lhe, inclusive, a impressão de que todos conspiravam contra ele, e disso teve ocasião de convencer-se no decorrer da ceia, porém o que major antipatia lhe causou, foi um senhor de barbicha curta — talvez algum pintor boêmio — o qual olhou diversas vezes com ar atrevido para Ivan Ilítch e depois, voltando-se para o seu vizinho, cochichou-lhe algo ao ouvido. O outro, verdade seja dita, estava bêbedo; mesmo assim, a julgar por certos indícios, pareceu-lhe suspeito.

Fracas esperanças lhe vinham também do estudante de Medicina. Até mesmo o oficial altão já não lhe inspirava confiança, embora quem lhe desse maiores demonstrações de hostilidade fosse o colaborador de *O Ferrete*. Este balançava-se em sua cadeira, ostentava uma atitude de franco desdém e ria-se de modo agressivo e descarado, apesar de não contar com a simpatia e atenção dos outros convivas, pela pose de liberal que adquirira só por ter escrito quatro versinhos em *O Ferrete*.

Vendo cair junto ao seu prato uma bolinha de miolo de pão redonda e certa, Ivan Ilítch acabou de convencer-se e apostaria a própria cabeça como quem lançara aquele projétil não fora outro senão o jornalista.

Tudo isso, como é natural, influiu sobre ele de modo deplorável.

Além do mais, acabara de fazer outra observação muito aborrecida. Tornou-se consciente de que começava a articular mal e com dificuldade as palavras e de que, embora tivesse muito o que dizer, sua língua não

mais lhe obedecia. Havia momentos em que, de repente, o pensamento lhe fugia e o pior é que a todo instante explodia em frouxos de riso sem motivo e respingos de saliva. Mas essa preocupação não tardou a desvanecer-se com outra taça de champanha que deixara algum tempo cheia, receoso de esvaziá-la, e que agora, de súbito, por inadvertência virara de um só golpe. Sentia vontade de chorar. Percebia que o mais estranho sentimentalismo ia, aos poucos, se apoderando dele, que de novo lhe vinha um grande carinho por todo o mundo, pelo próprio Pseldonímov e até mesmo pelo jornalista. Vinham-lhe ímpetos de abraçá-los, de fazer as pazes com eles, de esquecer tudo. Sim; queria até contar-lhes tudo, ou seja, mostrar-lhes que homem bom era ele, que magnífico talento possuía, o quanto poderia ser útil à pátria, como sabia entreter as senhoras e, sobretudo, o quanto era progressista, humano, disposto sempre a dar provas de indulgência para com toda gente, até mesmo os mais humildes. Resolvera contar-lhes, com absoluta franqueza, todas as razões que o tinham levado a comparecer, sem que ninguém o convidasse, ao casamento de Pseldonímov, a tomar duas garrafas e a torná-lo feliz com a sua presença.

"A verdade, a sagrada verdade e a franqueza antes de mais nada! Isso mesmo: com a franqueza eu os conquistarei. Vejo claro: acreditarão sem hesitar no que eu lhes disser. Agora, ainda me olham com maus olhos, mas quando me abrir, eu os cativarei. Encherão suas taças e erguerão um brinde a mim. O oficial quebrara a sua taça contra suas esporas. Talvez até grite 'hurra'. Nem sequer me oporei a que me ergam nos braços e me balancem à maneira dos hussardos; acharei mesmo muito bom que o façam. Beijarei a noiva na frente; ela é um encanto. Este Akím Petróvitch é também um bom sujeito. Em consequência, o próprio Pseldonímov melhorará. Falta-lhe apenas, afinal de contas, um pouco de verniz social... E embora, sem dúvida, a geração atual não possua essa delicadeza de sentimentos, mesmo assim... mesmo assim eu lhes falarei sobre a significação contemporânea da Rússia entre as nações da Europa. Tocarei também no problema dos camponeses, sim, e.... todos se entusiasmarão por mim e sairei daqui coberto de glória..."

Tais ideias eram, por certo, muito lisonjeiras; o ruim foi que, de repente, em meio a essas róseas esperanças, Ivan Ilítch acabou descobrindo em si mesmo uma nova habilidade: a de cuspir sem

perceber. Ou, pelo menos, observou que, ao falar, a saliva escorria-lhe da boca independente da sua vontade. Notou-o pela primeira vez ao falar com Akím Petróvitch, cuja face ficou toda salpicada de cuspo e viu que o coitado, por respeito, não se atrevia a enxugá-la. Diante disso, Ivan Ilítch apanhou um guardanapo e limpou-a ele próprio. Mas naquele instante, isso lhe pareceu tão inconveniente, tão contrário ao bom senso, que emudeceu e perdeu-se em conjeturas. Akím Petróvitch, apesar de ter bebido, estava como que pregado em sua cadeira. De súbito, Ivan Ilítch se deu conta de que fazia já mais de um quarto de hora que estava lhe falando sobre um tema interessantíssimo e que, embora continuasse a escutá-lo, Akím Petróvitch se mostrava não só confuso, como positivamente assustado. Pseldonímov, que se achava sentado uma cadeira adiante, esticava também para ele o seu longo pescoço e ouvia-o com a mais desagradável expressão. Decididamente, era como se o seu escriturário o estivesse vigiando. Com um relancear de olhos, passou em revista o resto dos comensais e notou que alguns o fitavam e se riam. O mais estranho é que isso de modo algum o afetava; tomou outro trago de champanha e começou a falar de maneira a ser ouvido por todos: — Já disse — começou com a voz mais alta possível — senhoras e cavalheiros; já disse antes e agora mesmo o estava repetindo a Akím Petróvitch, que a Rússia... sim, a Rússia... em resumo, compreendeis bem o que quero dizer... a Rússia atravessa neste momento... pelo menos eu estou firmemente convencido disso... um período de humanismo...

— Hu... hu... humanismo! — Gritaram do outro extremo da mesa.

— Huhuhuhu! ...

— Tututuu! ...

Ivan Ilítch calou-se. Pseldonímov levantou-se e correu um olhar severo pelos convivas, tentando averiguar de onde haviam partido os gritos. Quem terá gritado? Akím Petróvitch também meneou discretamente a cabeça, como que censurando os convivas. Ivan Ilítch percebeu tudo muito bem, mas na sua mágoa não disse nada.

— Humanismo! — Continuou obstinado. — E ainda há pouco, precisamente há poucas horas, dizia eu a Stepan Nikí...kíforovitch.... Sim senhor... que a renovação, por assim dizer... das coisas...

— Excelência! Gritou alguém do outro lado da mesa em tom bem claro.

— Que ordena? Indagou o orador interrompido, esforçando-se para descobrir quem o chamara.

— Nada, Excelência. Eu estava apenas entusiasmado. Continue. Continue — tornou a falar a mesma voz. Ivan Ilítch estremeceu.

— A renovação, como se costuma dizer, dessas mesmas coisas... Excelência! — Insistiu a mesma voz.

— Que deseja?

— Como está o senhor?

Ivan Ilítch, diante disso, não pôde conter-se. Interrompeu o seu discurso e voltou-se para o aparteante que perturbara a ordem. Tratava-se de um rapazinho, ainda estudante, que bebera demais e cujo estado de embriaguez inspirava sérias suspeitas. Já fazia tempo que vinha falando alto e havia mesmo quebrado um copo e dois pratos, alegando que isso não podia faltar num casamento.

Quando Ivan Ilítch o encarou, já o oficial altão o estava repreendendo.

— Mas que é que tu pretendes? Por que estas berrando? Devia botarte na rua!

— Não estou me referindo ao senhor, Excelência! Não me refiro ao senhor. Continue! — Gritou o alegre estudante, deitando-se no espaldar da cadeira.

— Continue. Eu o estou ouvindo com muita, muita satisfação! Louvável Lou-vá-vel!

— O frangote está bêbedo! — Murmurou Pseldonímov.

— Estou vendo que está bêbedo, mas...

— Eu estava agora mesmo contando uma anedota divertida, Excelência! — Explicou o oficial. — De um tenente da nossa companhia que falava assim mesmo com os seus oficiais superiores; então, este rapaz resolveu imitá-lo. A cada palavra que os superiores do tal tenente lhe diziam, ele exclamava: "Louvável! Louvável!". Faz dez anos que o expulsaram do Exército por causa disso.

Que tenente era esse?

— Um tenente da nossa companhia, Excelência. Era como se a palavra "louvável" lhe houvesse perturbado o juízo. A princípio usaram métodos brandos, depois prenderam-no.... O coronel advertiu-o em tom

paternal; mas ele respondia com o seu eterno estribilho: "Louvável! Louvável!".

E — coisa estranha — era, na verdade, um belo oficial e tinha quase dois metros de altura.

Tencionavam processá-lo, quando verificaram que o infeliz estava maluco...

— Quer dizer que era como... um colegial. Talvez não se deva levar tão a sério uma brincadeira de estudante... e eu, de minha parte, estou disposto a perdoar...

— Os médicos o atestaram, Excelência.

— Mas como... autopsiaram-no?

— Perdoe-me! Como poderia ser isso se o homem estava bem vivo? Um estrepitoso gargalhar ecoou entre os convivas.

Até então, ainda se haviam comportado com certo decoro. Ivan Ilítch encheu-se de indignação.

— Senhores! Senhores! — Exclamou pela primeira vez sem gaguejar. — Sei muito bem que ninguém pode autopsiar uma criatura viva. Pensei que, em sua loucura, ele estivesse morto... ou melhor, que já tivesse morrido... vamos, quero dizer, unicamente... que os senhores não me querem bem, ao passo que eu os estimo a todos... isto é... inclusive a ti, Por... Porfírii... Estou me humilhando ao falar assim...

No mesmo instante, porém, a saliva voltou a escorrer-lhe dos lábios, indo cair sobre a toalha da mesa, justo no lugar mais visível. Pseldonímov apressou-se em enxugá-la com um guardanapo. Esta última desgraça acabou de arrasá-lo por completo.

— Senhores, isto é demais! — Exclamou desesperado.

— O rapaz bebeu em excesso, Excelência — tornou a cochichar-lhe ao ouvido Pseldonímov.

— Porfírii! Vejo que todos vocês... todos, sim. Digo que espero... isto é, peço a todos vocês que digam por que me rebaixei.

Ivan Ilítch estava quase chorando.

— Mas, Excelência! Como pode Sua Excelência pensar semelhante coisa?

Porfírii, é a ti que me dirijo... dize-me: se vim ao teu casamento... sim... sim... é porque tinha uma finalidade. Eu queria promover um reerguimento moral... queria que todo o mundo sentisse....

Dirijo-me a todos vós. Estou ou não estou humilhado aos vossos olhos?

Silêncio sepulcral. Já era, entretanto, uma desgraça, o faro de, a sua categórica pergunta, só aquele silêncio unânime responder. "Se ao menos neste momento eles se manifestassem! ..." — pensou Sua Excelência. Mas os convivas se limitavam a trocar em silêncio significativos olhares. Akím Petróvitch estava mais morto que vivo e se agarrava, apavorado, a sua cadeira; Pseldonímov, mudo de espanto, formulava a si próprio a seguinte indagação: "Que vai ser de mim amanhã?".

De repente, o jornalista, que já fazia algum tempo dava mostras da embriaguez, mas que até ali se mantivera mergulhado em sombrio silêncio, encarou face a face Ivan Ilítch e, em nome de todos os presentes, disse-lhe em voz alta e com olhos chamejantes: — Sim! Sim! O senhor se rebaixou. O senhor é um re-tró-gra-do!

— Jovem, pensa bem no que estas dizendo. Vê bem com quem estás falando — advertiu com veemência Ivan Ilítch, erguendo-se de novo de um salto.

— Estou falando com o senhor e, além do mais, não sou nenhum jovem. O senhor veio aqui para se exhibir e para ganhar popularidade.

— Pseldonímov, que significa isto? — Gritou Ivan Ilítch fora de si.

Pseldonímov levantou-se com uma tal cara de susto que, a princípio, ficou parado e teso como um poste, sem saber o que fazer. Os convidados, cheios de assombro, pareciam pregados em seus lugares. O artista boêmio e o estudante bateram palmas e gritaram: Bravo! Bravo!".

Mas o jornalista prosseguiu, vociferando com irreprimível ferocidade: — Sim, o senhor veio aqui para exhibir a sua humanidade. O senhor estragou a nossa festa.

Embebedou-se de champanhe sem pensar que champanha é uma bebida cara demais para um modesto funcionário que ganha apenas dez rublos por mês. Suspeito até que o senhor é desses altos funcionários que gostam de conquistar as jovens esposas de seus subalternos. Sim, e estou mesmo convencido de que o senhor dos tais que costumam fazer negociatas.... Ah, ah, ah!

— Pseldonímov, Pseldonímov! — bradou Ivan Ilítch, chegando a estender os braços em seu desespero.

Sentia que cada uma das palavras do jornalista se lhe cravavam no coração como punhais.

— Não se aflija, Excelência — declarou com energia Pseldonímov, já refeito do assombro que o dominara. E, avançando para o jornalista, agarrou-o pelo colarinho e ratou de arrancá-lo da mesa.

Ninguém poderia ter esperado semelhante demonstração de força física por parte de quem, como Pseldonímov, aparentava tanta fraqueza. Mas o jornalista estava no auge da bebedeira e Pseldonímov conservara-se perfeitamente sóbrio. Com dois ou três pescoções, botou o jornalista porta afora.

— Vocês são todos uns canalhas! — gritou da rua o jornalista — Amanhã hei de caricaturá-los a todos em *O Ferrete*.

Todos tiveram um sobressalto, impressionados com a ameaça.

— Excelência! Excelência! — Exclamaram ao mesmo tempo Pseldonímov, sua mãe e alguns convidados que se apinharam em torno do general. — Excelência, tranquilize-se!

— Não, não! — Protestou o general. — Estou arrasado! Eu queria dar-lhes a minha bênção! E isso!

E por tudo... por tudo...

Deixou-se cair meio desfalecido em sua cadeira, apoiou os dois braços sobre a mesa e derrubou a cabeça entre eles...: ou melhor, derrubou-a exatamente em cima do prato de manjar branco que lhe haviam servido. É inútil descrever a aflição geral. Um minuto depois, tornou a levantar-se, pelo visto com a intenção de retirar-se; mas cambaleou, tropeçou na perna da cadeira, estendeu-se no chão a fio comprido e ali ficou roncando.

Isto costuma ocorrer com os indivíduos que, não tendo o hábito de beber, um dia se embriagam. Até o último momento conservam a lucidez, não perdem um só instante a consciência, mas, de súbito, caem como que fulminados por um raio. Ivan Ilítch jazia por terra em estado de total inconsciência.

Pseldonímov botou as mãos na cabeça e ficou imobilizado nessa atitude. Os convidados trataram de raspar-se para suas casas, comentando o sucedido. Eram já quase três horas da madrugada.

4

O pior de tudo consistia em que a situação atual de Pseldonímov, por menos lisonjeira que fosse, era ainda bem melhor do que a anterior. E enquanto Ivan Ilítch jaz por terra e Pseldonímov arranca os cabelos, interromperemos o fio da nossa história para dizer algumas palavras esclarecedoras a respeito de Porfírii Petróvitch Pseldonímov. Até um mês antes, vivera ele na mais desoladora miséria. Era natural de uma província, onde seu pai tinha algures algum emprego e onde morrera aguardando um julgamento. Cinco meses antes de seu casamento, depois de viver um ano inteiro sem fazer outra coisa além de passar fome em Petersburgo, encontrara, afinal, aquele emprego de dez rublos mensais. Fora a sua ressurreição de corpo e de alma, mas logo após a situação tornou a piorar. Só havia no mundo dois Pseldonímov — ele e sua mãe, que, com a morte do marido, abandonara a província. Mãe e filho, desprovidos de amparo e de teto, andaram ameaçados de morrer de frio e quase não tinham com o que se alimentar. Havia dias em que Pseldonímov ia, ele próprio, buscar água na fonte. Depois de colocado, alugou, finalmente, um quartinho para si e para a mãe. Esta trabalhava como lavadeira e Pseldonímov levou três ou quatro meses economizando copeque por copeque para poder comprar um par de botinas e um sobretudo. Seus superiores chegavam a perguntar-lhe há quanto tempo não tomava banho. E quantos vexames não teve que sofrer na Chancelaria! Diziam mesmo que a gola de seu uniforme era um ninho de percevejos. Mas Pseldonímov era homem de caráter forte. De aspecto manso e humilde, apenas alfabetizado, falava o menos possível. Não se sabe o que pensava, se tinha pianos ou teorias, ou se se preocupava com alguma coisa. Em compensação, estabelecera instintivamente o firme

propósito de fazer tudo para sair daquela má situação. Tinha a persistência de uma verdadeira formiga; é sabido que, nem bem se destrói um formigueiro, esses insetos logo o reconstruem, e assim sucessivamente, sem jamais se cansarem. Pseldonímov era um sujeito caseiro e tinha forte instinto construtivo. Lia-se em sua frente a determinação de abrir seu caminho, de construir o seu lar e talvez até de fazer economias.

Sua mãe era a única criatura que o amava e fazia-o com ternura infinita. Também ela era uma mulher de caráter forte, dotada de incansável atividade e de grande bondade. E assim teriam, por certo, continuado a pelejar mal ou bem em seu durante mais cinco ou seis anos, até que a situação melhorasse. Mas acontece que Pseldonímov encontrou o velho conselheiro titular aposentado Mlekopitáiev, que fora escriturário do Tesouro e trabalhara algum tempo na província, mas se transferira recentemente com a família para Petersburgo. Mlekopitáiev conhecia Pseldonímov e tivera mesmo, outrora, motivos de gratidão para com seu pai. Usufruíá agora de uma situação folgada, embora na realidade ninguém soubesse em quanto importavam os seus bens; nem sua mulher, nem sua filha, nem seus parentes mais chegados. Tinha ele duas filhas e como, além de doente, fosse dado a bebida, portava-se em casa como um déspota, ocorrendo-lhe, um belo dia, a ideia de casar com Pseldonímov uma de suas filhas. "Sei quem ele é; seu pai era um bom homem e ele tem que puxar ao pai." E quando Mlekopitáiev enfiava uma ideia na cabeça, a coisa tinha que ser feita — não havia por onde escapar. Era um cabeçudo de marca, o tal Mlekopitáiev. A major parte do tempo, passava-o sentado em sua poltrona, pois, em consequência de uma moléstia, ficara paralisado de uma perna, o que não o impedia de tomar seus bons pileques de vodca. Não fazia outra coisa, o dia todo, senão beber e praguejar. Era um sujeito de mau gênio e precisava estar sempre atormentando alguém. Com este objetivo, recolhera em sua casa algumas parentas distantes — uma irmã, igualmente geniosa e cheia de achaques, duas cunhadas que nada lhes ficavam a dever em matéria de rabugice e uma velha tia que, não sabemos em que acidente, tivera a infelicidade de quebrar uma costela. Vivia também em sua casa uma alemã russificada a quem dava moradia grátis em troca das lindas histórias das Mil e uma Noites que ela lhe contava. Sua única satisfação

consistia em passar o tempo todo insultando essas infelizes protegidas, embora estas, inclusive sua mulher, que parecia sofrer de dor de dente de nascença, não se atrevessem a abrir a boca em sua presença. Atiçava-as umas contra as outras, armava intrigas entre elas, rindo-se e regozijando-se quando as pobres mulheres se atracavam pelos cabelos. Alegrou-se, igualmente, quando sua irmã mais velha, que estivera casada dez anos com um pobre oficial do Exército, ao ver-se viúva com três filhos raquíticos e na miséria, se resolveu a morar com ele. Não tolerava crianças, mas como aquela invasão aumentava o material para as suas experiências diárias, o velho se sentia, apesar de tudo, regalado. Aquele amontoado de mulheres geniosas e de crianças doentias, instaladas com o seu verdugo no espaço exíguo de um chalé de madeira da Petersburg Prospekt, vivia mal alimentado, pois o velho era um avarento e não lhes dava mais do que uns magros copeques, embora não lhe faltasse dinheiro para a vodca. As coitadas também não podiam dormir o suficiente, porque o dono da casa sofria de insônia e exigia que o distraíssem. Em resumo — naquela casa, todos maldiziam a própria sorte. E eis que, de repente, Mlekopitáiev descobriu Pseldonímov. O enorme nariz e a expressão submissa do moco chamaram-lhe a atenção. Sua filha mais nova, franzina e feiosa, acabava de completar exatamente dezessete anos.

A despeito de ter frequentado algum tempo um colégio alemão, era quase analfabeta. Anêmica e raquítica, crescera sob o despotismo de um pai bêbedo, por entre ralhos, brigas e mexericos domésticos. Amigas, nunca as tivera e tampouco tinha cabeça. Andava já há tempos doida para casar-se. Na presença de estranhos não abria a boca, mas em casa era má e linguaruda. Seu maior prazer era beliscar os sobrinhos, denunciando-os quando roubavam pão ou açúcar, motivo pelo qual vivia atracada com a irmã mais velha. Foi o próprio pai que ofereceu a Pseldonímov a mão da rapariga. Por mais falta que lhe fizesse uma mulher, o rapaz, ainda assim, pediu um prazo para pensar. Mãe e filho muito hesitaram sobre o que deveriam fazer. Mas o chalé do Conselheiro estava registrado no nome da moca e, posto fosse uma modesta casa térrea de madeira, não deixava de ter o seu valor. Além disso, o velho dera a filha um dote de quatrocentos rublos, importância que Pseldonímov jamais conseguira economizar por si mesmo. "— Vou

meter esse homem aqui em casa — gritava o velho em sua camoeira — primeiro porque vocês todas são mulheres e tanta fêmea junta me enjoa. E, além disso, quero também que Pseldonímov 'dance' ao som da minha gaita, pois me tornarei seu benfeitor. Em segundo lugar, escolhi-o para genro porque nenhuma de vocês o suporta e quero que tenham de aguentá-lo. Tomei essa decisão só para lhes dar na cabeça. O que eu digo, eu faço. Tu, porém, Porfírk¹⁵ (15. *Diminutivo de Porfírii*. — N. da T.), não sejas tolo e ouve o meu conselho: como marido, trata de set duro com ela, pois previno-te de que esta já nasceu com sete diabos no corpo. Já vou preparar a vara para que tu os expulses a força de pancada!"

Pseldonímov calava-se; já tinha tornado a sua deliberação. Antes do casamento, tanto ele como sua mãe mudaram-se para a casa do sogro, o qual lhes arranjou banho, roupas, sapatos e ainda por cima algum dinheiro.

Talvez os mimasse dessa forma só para contrariar o resto da família, que não os tolerava. Chegou mesmo a simpatizar bastante com a mãe de Pseldonímov e com ela absteve-se de suas grosserias.

No entanto, uma semana antes do casamento, obrigou o futuro genro a dançar a dança dos cossacos.

"— Bem, basta; só queria ver se reconhecias a tua posição perante mim" — disse-lhe depois que se fartou de vê-lo dançar. Deu-lhe o dinheiro necessário para o casamento e convidou todos os seus parentes e amigos. Pseldonímov convidou apenas o colaborador de *O Ferrete* e Akím Petróvitch Zubíkov, convidado de honra. Estava farto de saber que a noiva só lhe tinha aversão e que por sua vontade não o desposaria, e sim ao tal oficial altão. Tudo aceitava, entretanto, pois assim combinara com sua mãe. O velho passara o dia do casamento bebendo e dizendo impropérios. A família inteira se refugiara nos cômodos dos fundos, onde o calor e o aperto de tornaram asfixiantes. As salas da frente tinham sido reservadas para o baile e para a ceia. Finalmente, depois que o velho, bêbedo de todo, adormeceu, lá pelas onze horas da noite, a mãe da noiva, que passara o dia todo com raiva da Sra. Pseldonímov, resolveu mudar de atitude e aderir a festa. Tudo, porém, foi por água abaixo com o aparecimento de Ivan Ilítch.

A Sra. Mlekopitáiev ficou confusa e ofendida por não a terem prevenido, de que o general havia sido convidado. Asseguraram-lhe que ele se apresentara ali espontaneamente, sem convite, mas a infeliz era tão estúpida que se recusava a acreditar. Foi preciso comprar champanha. A mãe de Pseldonímov ainda tinha um rublo-prata, mas este último não dispunha mais de um copeque sequer.

Foi, portanto, necessário pedir dinheiro a velha Mlekopitáiev, para comprar primeiro uma garrafa e depois outra. Ponderaram-lhe tratar-se do futuro do genro, da carreira que tais relações poderiam proporcionar-lhe e, por fim, a mulher amansou e forneceu a importância pedida, mas Pseldonímov teve que sorver um cálice bem amargo, a ponto de ir a alcova onde fora armado o leito nupcial e ali arrancar os cabelos com as duas mãos, afundando a cara nos lindo travesseiros destinados apenas a paradisiacos deleites. Todo o seu Corpo tremia de cólera impotente. Sim, Ivan Ilítch no podia suspeitar o que haviam custado as duas garrafas de champanha bebidas naquela noite. Que enorme desgosto, que pesar, que desespero assaltaram Pseldonímov diante da maneira inesperada pela qual terminara a visita de Ivan Ilítch! Não podia agora esperar mais do que um nunca acabar de aborrecimentos, talvez uma noite toda de lágrimas e choro de sua lamurienta noiva e as reprimendas de suas estúpidas parentas. Mesmo sem isso, já a cabeça estalava-lhe de dor e via tudo turvo e girando a sua volta. Eurgia acudir Ivan Ilítch, chamar um médico as três horas da madrugada, procurar um carro fechado, pois não ficava bem transportar uma personalidade da sua categoria, em semelhante estado, num modesto trenó aberto. E de onde tirar o dinheiro para o carro? A Sra. Mlekopitáiev, furiosa porque o general não lhe havia dirigido a palavra nem reparado nela a mesa, declarou, simplesmente, que não tinha um único copeque. Talvez tivesse dito a verdade. Onde encontrar o dinheiro necessário? Que fazer naquele transe? Sim, havia razão de sobra para arrancar os cabelos.

*

Nesse meio tempo, Ivan Ilítch foi transportado para um pequeno sofá de couro que havia na sala de jantar e, enquanto tiravam as mesas e arrumavam a sala, Pseldonímov ia e vinha pela casa a procura de dinheiro. Chegou a pedi-lo até a criada, mas acontece que ninguém tinha um copeque disponível.

Arriscou-se, inclusive, a dar uma "facada" em Akím Petróvitch, que ainda não se havia retirado, mas este, embora fosse boa pessoa, se alterava e se alarmava tanto quando alguém lhe falava em dinheiro, que teve esta saída inverossímil:

— De outra vez terei muito gosto em servi-lo, mas agora... desculpe-me, por favor... não me é possível.

Apanhou o seu gorro e raspou-se às pressas. Só restava recorrer ao tal rapaz bem-humorado que falara no livro dos sonhos, mas isso mesmo resultou em nada. De todos os convivas, fora o único que ficara tentando consolar Pseldonímov em sua desventura. Ele, Pseldonímov e sua mãe concordaram em que era preciso arranjar não um médico, mas um carro, para transportarem o enfermo até o seu domicílio, ministrando-lhe nesse meio tempo alguns remédios caseiros como fricções de água fria nas fontes e na cabeça, compressas de gelo e outras coisas semelhantes. Dessa parte incumbiu-se a mãe de Pseldonímov, enquanto o rapaz corria a procura do carro. Mas como àquela hora no fosse possível encontrar sequer um trenó na Petersburg Prospekt, o jovem teve que chegar até um ponto de drójkis¹⁶ (16 . *Pequeno carro, de feitio especial.* — N. da T.) muito distante e ali acordar cocheiro. Travou-se logo acesa discussão, pois o cocheiro achava pouco um carro fechado, e àquela hora, por cinco rublos. Acabou, porém, concordando em fazer a corrida apenas por três rublos.

La pelas quatro da madrugada, quando o moco chegou com o carro, em casa de Pseldonímov já tinham resolvido outra coisa. Ivan Ilítch, que continuava desacordado, estava tão mal, dava tais gemidos e suspiros e se virava tanto de um lado e do outro, que parecia simplesmente impossível e bastante arriscado levá-lo para casa em semelhante estado.

— Que mais irá acontecer? Que fazer? — exclamou Pseldonímov desanimado.

Surgia agora um novo problema: se não o levassem embora, onde e em que cama o deitar? Só havia duas, na casa inteira — um grande leito de casal no qual dormiam o velho Mlekopitáiev e sua mulher e outra cama, também de casal, em imitação de nogueira, recém-comprada para os noivos.

Todos os demais moradores — ou melhor, moradoras da casa dormiam lado a lado, no chão, em colchões de pena rasgados e malcheirosos e, além disso, todos ocupados. Onde acomodar o doente?

Talvez fosse possível arranjar-se um desses colchões, tirando-o de debaixo de alguma das pessoas da casa já adormecidas, mas onde e sobre o que estendê-lo? Na sala, naturalmente, por ser o cômodo mais isolado da casa, o mais distante do núcleo familiar e possuir também uma saída independente. Mas onde colocar o colchão? Sobre cadeiras? Impossível. Uma cama armada sobre cadeiras estaria muito boa para um estudante que viesse passar o fim de semana em casa, mas empregar esse recurso para acomodar um figurão daqueles era, positivamente, uma falta de respeito inaudita. Que diria ele na manhã seguinte, quando descobrisse que passara a noite em cima de quatro cadeiras? Pseldonímov não queria nem ouvir falar nisso. Só restava um recurso: deitá-lo na cama dos recém-casados.

Essa cama, como já dissemos, fora instalada numa alcova contígua a sala de jantar. Tinha um colchão de casal novo, lençóis limpos, quatro travesseiros forrados de algodão cor-de-rosa com alvas fronhas de musselina guarnecidas de renda. O acolchoado que a recobria era de cetim rosa. De uma argola dourada pendia até o chão um cortinado de musselina. Em uma palavra: o arranjo estava perfeito, e quase todos os convidados do casamento que tinham visitado a alcova nupcial, mostraram-se encantados. No decorrer da noite, a noiva, a despeito da antipatia que Pseldonímov lhe inspirava, entrara ali várias vezes para deliciar a vista. É fácil de imaginar a sua indignação, a sua raiva, quando soube que pretendiam deitar em seu leito nupcial aquele bêbedo, cujo estado se assemelhava ao de um indivíduo atacado de cólera. A mãe da noiva também entrou em cena, soltou uma torrente de insultos e ameaçou contar tudo ao marido no dia seguinte, mas Pseldonímov enfrentou as duas mulheres e saiu vencendo — colocaram Ivan Ilítch na cama e arrumaram um leito sobre cadeiras para os noivos na sala da frente. A noiva choramingava e de bom grado tê-lo-ia atacado a beliscões; todavia não se atreveu a desobedecer, pois sabia que seu pai tinha uma muleta muito conhecida e no dia seguinte seria chamada a prestar contas de tudo. Para consolá-la, deixaram-lhe o acolchoado cor-de-rosa e os travesseiros com fronhas de musselina. Naquele mesmo

instante chegou o rapazinho com o carro e, ao saber que este já não seria usado, levou um susto medonho. Tinha que pagar o carro e — coitado — nunca vira em suas mãos uma moeda de dez copeques. Pseldonímov declarou-se francamente falido. Procuraram convencer o cocheiro, mas o homem não cedia e se pôs a vociferar e a esmurrar as venezianas. Ignoro como terá acabado a coisa. Imagino que o jovem tenha ficado como refém em poder do cocheiro, enquanto este o conduzia a Péski, onde, no número 4 da Rua Roshdénskii, tinha um colega que passara a noite em casa de amigos e ao qual esperava acordar para pedir-lhe o dinheiro. Eram mais de cinco horas da manhã quando os noivos ficaram a sós e se trancaram na sala da frente. A mãe de Pseldonímov passou a noite toda à cabeceira do enfermo. Enrolou-se num velho casaco de pele e deitou-se no tapete ao pé da cama, mas não conseguiu pregar olho, pois tinha que levantar-se a todo momento — Ivan Ilítch estava com um terrível desarranjo intestinal. A Sra. Pseldonímov, mulher corajosa e dotada de grande coração, despiu-o com suas próprias mãos, tratou-o como se fosse seu filho e passou a noite inteira de urinol em punho, transitando pelo corredor. Mas ainda estavam longe de terminar as dolorosas surpresas daquela noite.

*

Menos de dez minutos depois que os recém-casados se fecharam na sala da frente, ouviu-se um grito agudo — rasa um grito de alegria, mas de raiva. Seguiram-se outros rumores como de queda de cadeiras e, no mesmo instante, um verdadeiro bando de mulheres assustadas, todas de camisola e com o aspecto mais cômico possível, invadiu a sala, ainda escura, em meio a um coro de exclamações. Eram elas a mãe da noiva, sua irmã mais velha que deixara por um momento os três filhos doentes, e as três tias, entre as quais se arrastava a da costela quebrada. Até mesmo a cozinheira e a alemã que sabia contar histórias e cujo colchão de penas — o melhor da casa e sua única propriedade — lhe fora arrancado a força para ser cedido aos noivos, haviam aderido ao grupo. Um quarto de hora antes, todas essas respeitáveis e abelhudas senhoras tinham saído da cozinha, atravessando, pé ante pé, o corredor, para virem apinhar-se junto a porta da sala da frente, ali ficando a escuta, devoradas pela mais inconcebível curiosidade. Nesse meio tempo alguém acendeu uma vela, e um espetáculo inesperado surgiu aos olhos

de todos. As cadeiras sobre as quais fora colocado o largo colchão de penas, apoiado apenas aos bordos, não resistindo ao duplo peso, afastaram-se, dismantelando a cama improvisada e dando com o pobre casal por terra. A noiva soluçava, desta vez ultrajada até a alma. Moralmente arrasado e com todo o aspecto de um malfeitor apanhado em flagrante, ia estava Pseldonímov exposto a curiosidade pública. Não tentava sequer defender-se. Gritos exclamações ecoavam por todos os lados. A Sra. Pseldonímov acudiu, atraída pelo barulho, mas a mãe da noiva, desta feita, levou a melhor. Começou por lançar a Pseldonímov as mais estranhas e injustas recriminações, dizendo-lhe: "— Depois disto, que belo marido ira sair o senhor! Para que vais prestar depois desta vergonha?" E com estas e outras admoestações semelhantes agarrou a filha pela mão e levou-a dali, disposta a assumir toda a responsabilidade do seu ato perante o seu feroz marido, quando este lhe pedisse contas. O resto do mulherio seguiu-a, resmungando e sacudindo a cabeça. Ninguém ficou com Pseldonímov a não ser sua mãe, a qual tentava consolá-lo. Ele, porém, ordenou-lhe que o deixasse em paz.

Não havia consolo para ele. Encaminhou-se para o sofá e sentou-se ali do jeito que estava, descalço e em trajes menores, numa atitude sombria de profunda absorção. Os pensamentos baralhavam-se em sua cabeça. Às vezes corria automaticamente os olhos pela sala, onde há tão pouco tempo os pares rodopiavam cheios de alegria e onde pairava ainda no ar a fumaça dos cigarros. No assoalho sujo e manchado, viam-se ainda pontas de cigarros e papéis de balas. Os destroços do leito nupcial, as cadeiras de pernas para o ar, testemunhavam a transitoriedade dos sonhos e das esperanças terrenas — por mais caros e por mais certos que possam parecer. Ali ficou sentado quase uma hora.

Invadiam-lhe à mente os mais opressivos pensamentos, tais como a seguinte "Que estaria a sua espera agora na Chancelaria?". Reconhecia, com dolorosa certeza, que de qualquer forma seria obrigado a mudar de repartição, que não poderia de maneira alguma continuar onde estava, depois do que sucedera aquela noite. Pensava também em Mlekopitáiev, que provavelmente o faria dançar o *kasachóck*¹⁷ (17." *Dança dos cossacos.*" — N. da T.) para pôr à prova a sua docilidade.

Considerava também que, embora Mlekopitáiev lhe houvesse dado cinquenta rublos para os festejos do casamento, dos quais nada restava, não se lembrara ainda de entregar-lhe os quatrocentos rublos do dote, nem sequer falara nisso. Aliás, nem mesmo a casa fora formalmente passada para o seu nome. Pensava, ao mesmo tempo, na noiva que o abandonara no momento mais crítico de sua vida, no oficial altão que se ajoelhara aos pés dela e nos sete demônios que, segundo o próprio sogro o advertira, a dominavam e que deveriam ser expulsos a muletadas.... Tinha, por certo, coragem suficiente para suportar tudo isso, mas o destino preparara-lhe tais surpresas, que não é de estranhar se pusesse a duvidar das próprias forças. Assim meditava tristemente Pseldonímov. Entrementes, a vela ia-se extinguindo e sua luz mortiça, batendo em cheio sobre o perfil de Pseldonímov, projetava na parede uma sombra enorme de pescoço comprido e nariz recurvo, com dois tufos de cabelo espetados, um na testa e outro no alto da cabeça. Por fim, como com os primeiros albores do dia a temperatura caísse ainda mais, levantou-se e, transido de frio, a mente como que entorpecida, arrastou-se até o colchão de penas caído entre as duas cadeiras e, sem arrumar coisa alguma, sem apagar o coto de vela, nem sequer colocar o travesseiro sob a cabeça, caiu num sono pesado e profundo, como só devem dormir os condenados a morte na véspera da execução.



Por outro lado, que poderia comparar-se a angustiante noite passada por Ivan Ilítch no leito nupcial do infortunado Pseldonímov? Durante algum tempo, as dores de cabeça, os vômitos e outros desagradáveis sintomas não lhe deram um minuto de trégua. Aquilo mais se assemelhava as torturas do inferno. Os débeis vislumbres de lucidez que lhe cortavam a mente, mostravam-lhe quadros de tão abismais horrores, tão sombrias e revoltantes cenas, que melhor lhe fora não ter recuperado a consciência. Tudo, entretanto, turbilhonava ainda em seu espírito.

Reconhecia, por exemplo, a mãe de Pseldonímov, ouvia-lhe os suaves conselhos, tais como: "Sofre com paciência, meu pombinho; sofre com paciência, *bátiuchka*, que logo vais melhorar". Reconhecia-a, mas não conseguia encontrar uma explicação lógica para a sua presença ao seu lado. Assombravam-no abjetos fantasmas, dentre os quais o que mais o perseguia era o de Siemión Ivanovitch; fixando-o, porém, mais intensamente, via que não se tratava de Siemión Ivanovitch, mas sim do nariz de Pseldonímov.

Vinham-lhe também visões do artista boêmio, do oficial altão e da velha de queixo amarrado. O que mais lhe interessava era o aro dourado que pendia por sobre sua cabeça e através do qual passava o cortinado. Podia distingui-lo perfeitamente à meia-luz do coto de vela que iluminava o quarto, e ficava o tempo todo a perguntar-se qual a finalidade daquele aro, por que o haviam colocado ali, que significava. Interpelou várias vezes sobre ele a velha que o cuidava, mas pelo jeito não conseguira expressar-se bem e por mais que se esforçasse por explicar-se, era evidente que ela não o compreendia. Afinal, pela madrugada, os sintomas cessaram e ele mergulhou num sono pesado e sem sonhos. Dormiu cerca de uma hora; quando despertou, estava quase completamente lúcido, com uma insuportável dor de cabeça, um gosto horrível na boca e a língua seca como se fosse um trapo. Sentou-se na cama, relanceou o olhar em torno e pôs-se a considerar. Pálida e fina réstia de luz matinal penetrava através das frestas da veneziana, pondo na parede um tremulo reflexo. Eram quase sete horas da manhã. Quando, porém, de súbito, Ivan Ilítch se deu conta da situação e rememorou tudo o que lhe acontecera na noite anterior; quando se lembrou dos pormenores da ceia, de como fracassara em sua magnânima ação, do seu discurso a mesa; quando compreendeu, de repente, com aterradora clareza, tudo que agora poderia advir disso, tudo o que diriam ou pensariam dele; quando olhou e verificou em que triste e repugnante estado deixara o aprazível leito nupcial de seu subalterno — oh! — então uma tal vergonha, uma tal angústia apoderou-se dele que deixou escapar um grito, cobriu o rosto com as mãos e afundou a cabeça no travesseiro. No mesmo instante, porém, tornou a erguer-se, levantou-se de um salto, apanhou suas roupas que estavam limpas, escovadas e cuidadosamente dobradas sobre uma cadeira ao lado e

começou a vesti-las com desesperada pressa, olhando para um lado e para outro com o ar assustado de quem pretendesse fugir de alguém. Sobre outra cadeira próxima achavam-se o seu casacão, o seu gorro de pele e suas luvas amarelas. Dispunha-se já a escapulir furtivamente, quando, de chofre, a porta abriu-se e a velha Pseldonímov entrou no quarto, trazendo uma bacia e um jarro de louca. Uma toalha pendia-lhe do ombro. Pousou ali perto o jarro e, sem o mais leve acanhamento, com a maior naturalidade disse-lhe que se lavasse.

— Mas que é isso, bátiuchka? Não fica bem saíres assim; precisas lavar-te...

E naquele instante Ivan Ilítch sentiu, de repente, que, se havia no mundo uma criatura diante da qual não tinha razões para envergonhar-se ou atemorizar-se, tal criatura era aquela mulher. Lavou-se, então. Muito tempo depois, nos momentos dolorosos de sua vida, recordou, por entre fundos remorsos, os pormenores daquele despertar — a bacia de louca, o jarro cheio de água tão fria que nela boiavam ainda pedacinhos de gelo, o sabonete oval de quinze copeques, com letras em relevo, envolto em papel cor-de-rosa, por certo destinado a noiva, mas que acabara servindo a ele, a velha com a toalha de linho pendurada ao ombro esquerdo. A água gélida acabou de despertá-lo. Enxugou o rosto e sem dizer uma palavra, sem agradecer sequer à sua enfermeira, apanhou o gorro, atirou aos ombros a peliça que esta lhe estendia, atravessou o corredor e a cozinha onde um gato se espreguiçava por entre miados e, seguido pelos olhos curiosos da cozinheira, que, sentada em sua cama, o observava, transpôs a porta e ganhou a rua, onde se meteu no primeiro trenó que apareceu.

Estava uma manhã frigidíssima. Gélida neblina amarelada envolvia ainda a casa e tudo o mais. Ivan Ilítch Pralínskii ergueu a gola da pelica. Tinha a impressão de que todos olhavam para ele, de que todo o mundo o estava reconhecendo.

Pelo espaço de oito dias não saiu de casa nem para trabalhar. Sentia-se doente, miseravelmente doente, mas seu mal era mais moral do que físico. Viveu esses dias num verdadeiro inferno e os tormentos por que passou devem ter sido contados em teu favor no outro mundo. Houve momentos em que pensou tornar-se monge e entrar para um convento. Pensou mesmo. Sua imaginação, durante esse período, trabalhou de

maneira extraordinária. Ouvia cânticos subterrâneos, via-se já vivendo numa cela solitária, divisava covas abertas, florestas e cavernas. Mas tão logo voltava a si, reconhecia que seria o mais tremendo disparate tornar-se monge e envergonhava-se de seus delírios.

Começavam então as crises de angústia moral, girando em torno da sua *existence manquée*. A vergonha incendiava-lhe de novo a alma, dominava-o por completo, consumia-o como uma fogueira e reabria-lhe as feridas. Estremecia só de imaginar certos quadros. Que diriam dele, que pensariam dele, como iria atrever-se a apresentar-se na Chancelaria, que cochichos não lhe seguiriam os passos por onde quer que fosse durante um ano inteiro, durante dez anos, durante toda a sua vida? Aquela história passaria a posteridade. Cala, às vezes, em tal estado de depressão, que lhe vinham ímpetos de procurar Siemión Ivanovitch para pedir-lhe perdão e suplicar-lhe a sua amizade. Nem sequer se justificava, e entregava-se a mais ilimitada autocondenação. Não encontrava atenuantes para a sua culpa e a simples ideia de inocentar-se envergonhava-o.

Vinham-lhe também impulsos de pedir demissão de seu cargo de uma vez e consagrar-se a uma vida solitária, trabalhando, como simples cidadão, pela felicidade de seus semelhantes. De qualquer maneira, fazia-se absolutamente necessário romper com todas as suas amizades e apagar toda lembrança de sua pessoa. Isto, entretanto, não tardou também a parecer-lhe um desatino, e ocorreu-lhe que, se dali por diante adotasse major severidade para com os seus subalternos, tudo poderia arranjar-se. Só então começou a cobrar animo e a alimentar de novo esperanças. Por fim, transcorridos oito dias de aflições e de desassossegos, tornou-se-lhe insuportável permanecer naquela incerteza e , *un beau matin*¹⁸ (18. "Uma bela manhã." *Em francês no original*. — N. da T.), resolveu voltar ao trabalho.

Naquelas crises de desespero, imaginara, pelo menos mil vezes, como seria a sua estrada na Chancelaria. Convencera-se, cheio de horror, de que ouviria as suas costas cochichos equívocos, de que fisionomias enigmáticas o cercariam por entre ambíguos sorrisos. Grande foi, portanto, a sua surpresa ao verificar que nada disto acontecera. Receberam-no com o respeito e as medidas costumeiras;

todos mantiveram-se sérios e atarefados. Dirigiu-se ao seu gabinete com o coração alvoroçado de alegria.

Pôs-se imediatamente a trabalhar com a maior gravidade, ouviu alguns relatórios e informações e determinou diversas providencias. Parecia-lhe nunca ter despachado tão bem e tão rapidamente como naquela manhã. Via que todos estavam satisfeitos com ele, que o respeitavam e o tratavam com deferência. Nem mesmo alguém dotado de grande perspicácia teria encontrado motivos de temor. Tudo ia às mil maravilhas.

Por fim, Akím Petróvitch veio trazer-lhe uns papeis. Ao Ivan Ilítch sentiu uma agulhada no coração, mas foi coisa de um momento. Atendeu logo a Akím Petróvitch, falou-lhe com dignidade, deu-lhe as explicações necessárias e indicou-lhe o que devia ser feito. Só notou uma coisa: é que evitara algum tempo olhar de frente para Akím Petróvitch, mas talvez fosse Akím Petróvitch que temia fitá-lo. Findo o expediente, Akím Petróvitch se deteve um minuto para reunir os seus papeis e disse-lhe: — Há aqui, também, um requerimento — começou com a maior secura possível. — E do funcionário Pseldonímov, que solicita a sua transferência para outra repartição... Sua Excelência Siemión Ivanovitch Chipuliénko prometeu colocá-lo na sua. E o requerente roga a Sua Excelência se digne deferir o seu pedido.

— Oh, então vai ser transferido — respondeu Ivan Ilítch, sentindo que um peso enorme lhe sala da alma.

Ergueu a cabeça e nesse instante seu olhar encontrou, finalmente, o de Akím Petróvitch.

— Pois de minha parte... estou pronto.... — Acrescentou.

Akím Petróvitch não podia disfarçar a pressa que tinha de sumir dali. Mas, de súbito, Ivan Ilítch resolveu, num lance de generosidade, abrir-se com ele. Um certo entusiasmo tornou a animá-lo.

— Va procurá-lo — começou fixando em Akím Petróvitch um franco e significativo olhar — e diga-lhe que não lhe desejo mal algum — absolutamente! Muito pelo contrário, estou disposto a esquecer tudo o que se passou — tudo, tudo!

De repente, porém, Ivan Ilítch interrompeu-se estupefato diante do estranho comportamento de Akím Petróvitch, que, de um momento para outro, de homem sensato que era se transformara não se sabe por que

num apavorado imbecil. Em vez de escutar com atenção o que lhe dizia, ruborizou-se como um idiota, desandou a fazer uma série de rápidas medidas ao mesmo tempo em que se encaminhava para a porta. Toda a sua atitude traía o desejo de que o chão se abrisse para tragá-lo, ou melhor, de voltar o mais depressa possível para a sua mesa. Deixado a sós, Ivan Ilítch Pralínskii ergueu-se de sua cadeira, perplexo. Olhou-se ao espelho, mas não chegou a ver o próprio rosto.

— Não! Severidade, severidade e só severidade! — Murmurou quase inconscientemente e, de súbito, um vivo rubor incendiou-lhe as faces.

Sentiu-se, de chofre, mais envergonhado, mais deprimido do que nos mais intoleráveis momentos daqueles oito dias de tribulação.

— Não suportei! — Exclamou de si para si, e deixou-se afundar de novo em sua cadeira, no maior desalento.

FIM